CANCIONEIRO

POR

J. F. DE S. P.

PARTE PRIMEIRA.

SOLAOS.

COIMBRA:
NA IMPRENSA [illegible]

1869.

OBRAS

DE

J. F. DE SERPA PIMENTEL.

I.

(SOLAOS.)

CANCIONEIRO

POR

J. F. de Serpa Pimentel.

PARTE PRIMEIRA.

SOLAOS.

> E começou ella então contra a menina, que estava pensando cantar-lhe um cantar á maneira de Soláo, que era o que nas cousas tristes se acostumava.
>
> BERNARDIM RIBEIRO.

COIMBRA:
NA IMPRENSA DE E. TROVÃO.

1849.

A' MEMORIA

De minha muito amada, e chorada Thia,

A Ill.ma e Ex.ma Snr.a

D. Anna Xavier Sequeira de Machado.

Senhora,

A homenage do joven poeta, a quem inspirastes desde o berço o amor da religião e das lettras, — que doutrinastes nos primeiros arrojos de seu estro nascente, — que amastes, segunda mãe, como a filho, que fosse, de vossas entranhas, — e a quem, do leito da morte, legastes, com o ultimo osculo, a vossa eterna e mais pungente saudade; — essa homenage, que fôra um palido reflexo de gratidão, durante a vida, deve ser para vós, Senhora, um brilhante holocausto, assim desinteressada e livre, abraçada ao vosso tumulo. Tambem o merecido galardão de tanto

amor de familia, elevação d'alma, resignação no soffrimento, e mil outras nobres virtudes vossas, não era cousa de alcançar-se na terra; por isso o estaes disfructando no ceo.

Depois de vós, Senhora, — depois das intimas ligações de sangue e amor, que me prendem á terra, — o mais sancto e sublime pendor de minha alma anda ligado a uma edeia, porventura um sonho, que me veio de vós, e que não posso jámais separar da vossa memoria: — é a minha corôa, a minha humilde corôa de poeta. Por isso ella é triste, porque a vossa musa

melancholica lhe enlaçou os primeiros ramos de cypreste; porque a vossa morte precoce lhe fez murchar as ultimas boninas.

Eu estava no viço de minha mais bella mocidade, — ébria a alma de praseres, virgem o coração de dissabores, perfumada a existencia de gosos e de esperanças; — quando vós, Senhora, ao cabo de uma vida alquebrada pela doença, angustiada pela imaginação, divinisada pelo martirio, me chamastes á beira do vosso leito de dor, me cingistes em vossos palidos braços, e exalastes quasi na minha bocca o ultimo suspiro. Eu fui d'alli tro-

car pela vez primeira os meus trages de festa pelas negras vestes do dó, e dar entrada no meu coração á primeira edeia do sepulchro.

Foi esse pois o primordial, o mais doloroso espinho da minha vida.

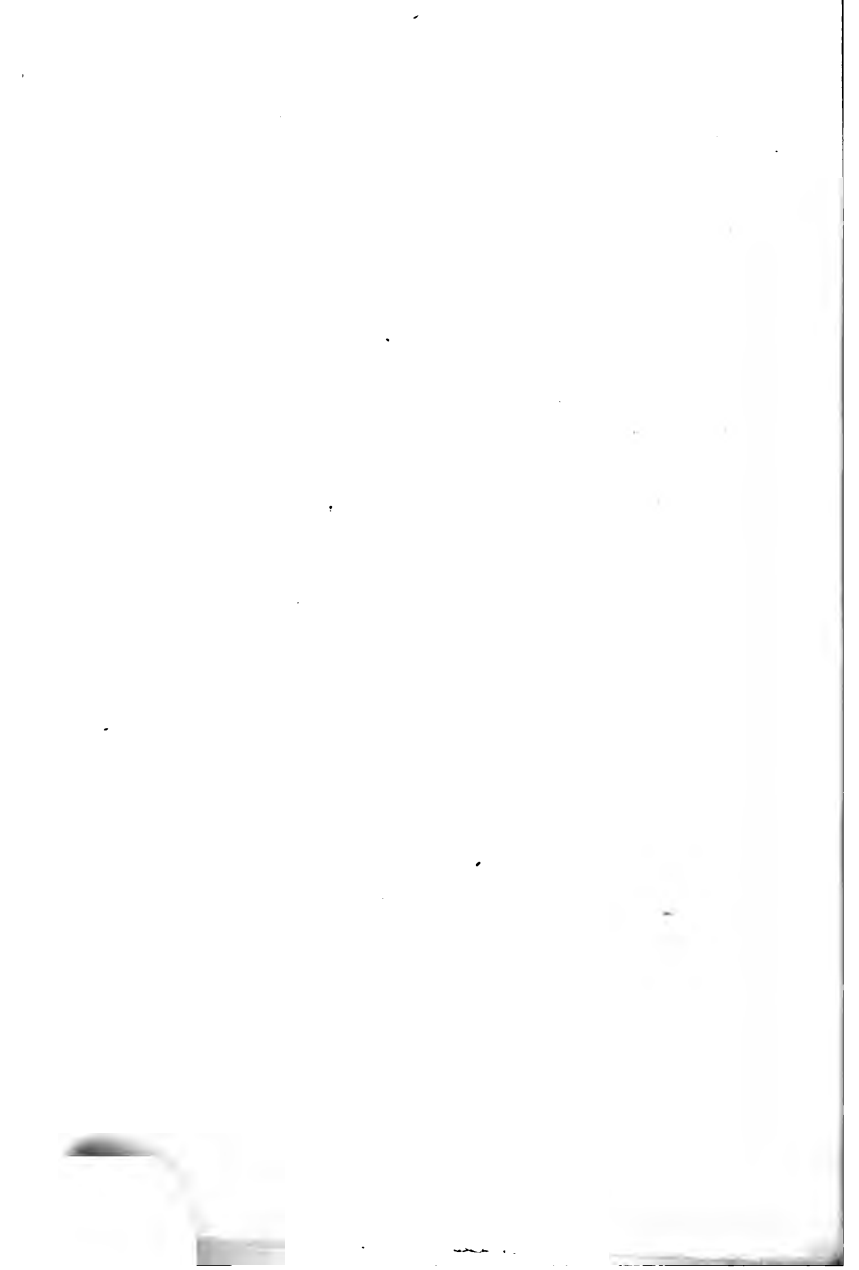
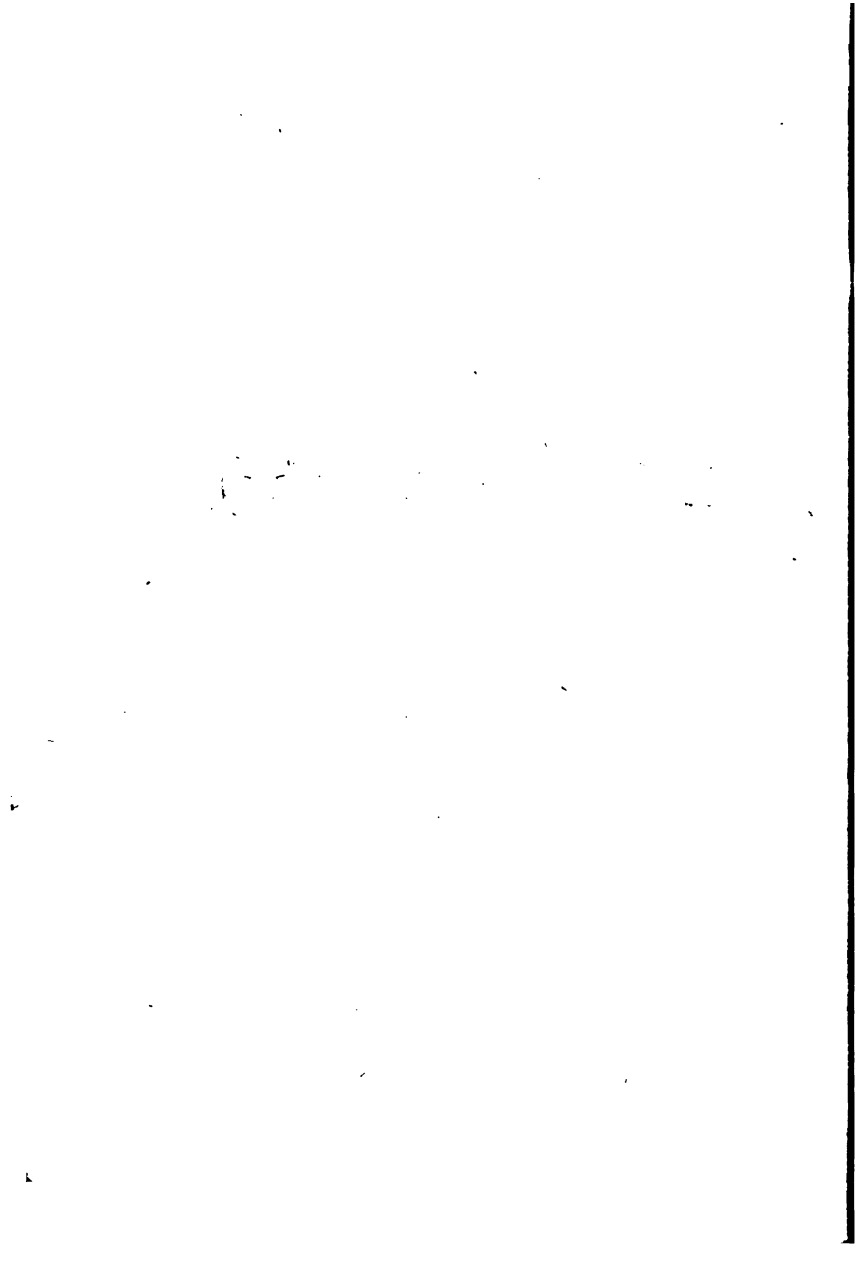
Quantas vezes, depois d'essa hora, ou nos tranzes da amargura, ou nos extasis da felicidade, tenho procurado o vosso coração angelico, para saborear esta, ou aliviar aquella; e me tenho visto hermo e solitario, sem o vosso auxilio, no caminho da existencia, — fragil nas adversidades, triste nas venturas!...

Os Soláos, que se seguem, Senhora, — especie de poesia, que eu creei, — que não são a balada aleman, nem a chacara mourisca, nem o rimance hespanhol, — mas que posso chamar portuguezes, porque são meus; — estes Soláos, que o publico illustrado honrou com a sua approvação, que alguns abalisados versejadores e poetas imitaram, e seguiram, e cujos primeiros trechos foram por todos os periodicos litterarios do paiz reprodusidos; — estes Soláos vão tristes como os vossos

versos, que na memoria conservo gravados desde a infancia, singelos como as edeia puras e sanctas, que me insinuastes; porque elles são, Senhora, uma verdadeira emanação de vossa alma poética e sublime.

Desabroxaram os primeiros rebentões d'esta pobre creação minha, pouco antes de vossa morte, á sombra dos cedros seculares da coloçal montanha do Bussaco. Continuei o meu descante, sentado á beira das aguas, nas margens aprasiveis do Mondego. Alguns ha nascidos apoz o saráo tumultuoso, e enrolados nos mar-

mores da rahinha do Tejo. Brotaram outros, já nos campos da patria Beira, á vista dos pincaros nevados do Herminio, já nas classicas veigas do Minho, em face do quadro magestoso do oceano.

Ora pois, Senhora, — na ventura, ou na desdita, — na aldeia, ou na côrte, — no povoado, ou no deserto, — na perigrinação, ou na patria, — á sombra do vosso tumulo, ou longe d'elle, — os mais originais, mais elevados vôos da minha rude lira, são um justo holocausto á vossa memoria.

LIVRO PRIMEIRO.

SOLAO I.

CINDASUNDA,

OU

BRASÃO DE COIMBRA.

E queria non vos aver Amor,
Mays o coraçon pode mays ca mi.

CANCIONEIRO D'ELREI D. DINIZ.

CANTO I.

» Já tocaram charamelas,
» Já tangeram atabales,
» Guerra! guerra! já resôa
» Pelos montes, pelos valles;
» Atacça, rei, senhor nosso,
» Ponde côbro a tantos males!

»Hermenerico vem ante
»Com seus olhos de dragão,
»Com seus bigodes torcidos,
»Com sua voz de trovão,
»Broquel doirado no braço,
»Hastea de ferro na mão.

»Já tocaram charamelas,
»Já tangeram atabales,
»Guerra! guerra! já resôa
»Pelos montes, pelos valles;
»Ataces, rei, senhor nosso,
»Ponde côbro a tantos males!

»Traz um drago por divisa
»Lá no meio do pendão,
»Traz gigantes, e elefantes,
»Cobrem as hostes o chão;
»Nunca vi tão bruta gente,
»Nem tão fero capitão.

»Já tocaram charamelas,
»Já tangeram atabales,
»Guerra! guerra! já resôa
»Pelos montes, pelos valles;
»Ataces, rei, senhor nosso,
»Ponde côbro a tantos males!

» Matam nossos rosentaes,
» Comem-nos o nosso pão,
» Esmagam nossos filhinhos,
» Queimam-nos aido, e mansão,
» Levam as nossas zagalas,
» — Negra dôr do coração!

» Já tocaram charamelas,
» Já tangeram atabales,
» Guerra! guerra! já resôa
» Pelos montes, pelos valles;
» Ataces, rei, senhor nosso,
» Ponde côbro a tantos males!»

-※-※-

O messageiro
Assi dizia;
E elrei Ataces
Lhe respondia:

» Ordenai-vos, meus cavallos,
» Ordenai-vos, meus peões,
» Cingi adagas, e lanças,
» Desenrolai os pendões;
» A'vante, pelos alânos!
» A'vante, meus coimbrões!

»Já vencemos os da Grecia,
»Já vencemos os germanos,
»Já vencemos os helvecios,
»Já vencemos os romanos,
»Já vencemos os da Gallia,
»Já vencemos os hespanos;

»A'vante, pelos leões!
»A'vante, meus coimbrões!»

D'Hercules o torreão
Eis os guerreiros descendo;
—Roucos tambores tangendo,
Mondego abaixo lá vão.

»Fade-os Deos bem,
»E a nós tambem.»

Debruçam-se nas ameias
Mães, e esposas tão coitadas,
As madeixas desgrenhadas,
Gelado o sangue nós veias.

«Fade-os Deos bem,
»E a nós tambem.»

No muro ficam os pais
Fazendo a vez de soldados;
Mas, ás lanças encostados,
Em vez do alerta, dão ais.

» Fado-os Deos bem,
» E a nós tambem. »

Olhos fitam as donzellas
Sobre as agoas do mondego,
Que no placido socego
Dizer parecem com ellas:

» Fade-os Deos bem,
» E a nós tambem. »

CANTO II.

» A'lerta, que imigos temos!
» A'lerta, novos hespanos!
» A'lerta, contra os de Coimbra!
» A'lerta, contra os alãnos!

» Solta as garras, ó dragão,
» Contra as unhas do leão! »

Hermenerico valente
Aos suévos brada assi;
—Mas já c'os dragos de volta
Anda Ataces por ahi:

» A'vante, pelos leões,
» A'vante, meus coimbrões! »

Quebram-se as lanças no ristre,
Rolam cadav'res por terra,
Responde ao grito d'alânos
Suévo grito de guerra:

» Solta as garras, ó dragão,
» Contra as unhas do leão! »

Tinge-se a terra de sangue,
Correm corceis desbocados,
Os echos fremem c'o rouco
Bradar d'elrei aos soldados:

» A'vante, pelos leões,
» A'vante, meus coimbrões! »

Aos dragos d'Hermenerico
De raiva rangem as garras;
Gastou-se o fio,—e inda cortam
Do suevo as cimitarras.

» Solta as garras, ó dragão,
» Contra as unhas do leão! »

As barbas negras d'Ataces,
Cobre-as o sangue, e a poeira;
Raios os olhos flamejam
Pelas grades da viseira.

» A'vante, pelos leões,
» A'vante, meus coimbrões! »

A cada bote de lança
Do suevo a mão tostada
Enfia vinte fileiras
Da hoste desbaratada.

» Solta as garras, ó dragão,
» Contra as unhas do leão! »

Ao coruto alto dos robres
Sobem do sangue espadanas;
Entulham valles, e montes
Cortadas carnes humanas.

« A'vante, pelos leões,
» A'vante, meus coimbrões! »

Peleja tão pelejada,
N'essas Romas quem a vio?
Co'a rubra côr da batalha
De rubro o sol se tingio.

Fartai-vos, bravos leões!
Fartai-vos, rudes dragões!

CANTO III.

Que moça é essa tão linda?
Que moça é essa, que 'hi vem,
De vinte pagens seguida,
Montada n'um palafrem?

Eu nunca vi
Mulher assi.

Trinta donzellas formosas
Vem ao lado da princeza:
Mas todas juntas não valem
Um rasgo d'essa belleza;

Eu nunca vi
Mulher assi.

Calça vermelho coturno,
E orla-lhe franja de prata
O véo espesso, que esconde
A formosura, que mata;

Eu nunca vi
Mulher assi.

Sobreleva o seio em neve
As alvas roupas, de que usa;
Vencem olhos em lindeza
Os olhos d'uma andalusa;

Eu nunca vi
Mulher assi.

As negras tranças compridas
Pelas espadoas lhe ondeiam,
C'o rubor casto do pejo
As faces se lhe afogueiam;

Eu nunca vi
Mulher assi.

Na dextra de neve empunha
Verde ramo d'oliveira;
Com a sestra mão as redeas
Ao palafrem aligeira;

Eu nunca vi
Mulher assi.

Adianta-se entre as hostes,
E por estranho condão
Peões, cavallos, guerreiros
Estatuas ficam no chão;

Eu nunca vi
Mulher assi.

CANTO IV.

Quem era a ninfa,
Que tão formoza
A' lide irosa
Assi correo?
Ella quem era?
— Não o sei eu.

Elrei Ataces
Porque rasão
Ao coração
A mão levou?
Porque o suévo
A cortejou?

—» Cindasunda! filha minha!»
Hermenorico fallava.
— Cindasunda, interrompendo-o,
Assim aos chefes bradava:

» Senhor pai, aqui me tendes,
Morta venho;
» Mas, pai meu, para salvar-vos
Me despenho.

» Senhor Ataces valente,
Que fazeis!
» Falla-me Deus que estas guerras
Acabeis.

» Para que é derramar sangue
Tão coitado!
» Ai! se eu salvar-vos podera,
Mal peccado!

» Senhores reis, muito amigos
Vos quedai;
» E o meu só, se é mister sangue,
Derramai;

» Acabemos c'o esta guerra,
» E vamos á nossa terra.»

-⁂-

Assim fallou Cindasunda.
Disse o pai: — « ó filha minha! »
E Atacos disse, inflando
A espada pela bainha:

» Soldados! soldados meus!
» Já não tendes capitão;
» Abaixai as vossas armas,
» Enrolai vosso pendão,
» Quebrai as unhas, e os dentes
» Ao vosso rubro leão.

» Senhor rei Hermenerico,
» Já não quero guerrear,
» Façamos pazes aqui,
» Amigos hemos quedar;
» Olhos d'ella me renderam,
» Vossa filha me heis de dar.

» Dona minha, Cindasunda,
» Aqui tens o meu pendão,
» Aqui tens os meus soldados,
» Aqui tens o meu leão;
» Os teus olhos me renderam,
» Aqui tens meu coração.

» Senhor rei Hermenerico,
» Já não quero guerrear,
» Façamos pazes aqui,
» Amigos hemos quedar;
» Olhos d'ella me renderam,
» Vossa filha me heis de dar. »

CANTO V.

Deram as mãos os guerreiros,
E beijaram-se;
Largaram hostes as armas,
E abraçaram-se;
Drago, e leão, ambos quietos,
Cortejaram-se;
Ao eco tangeres alegres
Elevaram-se;
As faces de Cindasunda
Purpuraram-se;
Os seus olhos tão formosos
Abaixaram-se.

-:-

E a mão do godo
Tostada, immunda,
Co'a mão tão nivea
De Cindasunda;

E as faces d'ella
Meigas, rosadas,
Co'as faces d'elle
Rubro-tisnadas;

E o corpo d'ella
Curto, e formozo,
E o corpo d'elle
Gigante, e airoso;

E o pai ao lado,
Rude dragão,
Sostendo a raiva
No coração;

E dos deus chefes
A dextra irada
Poisando a furto
Na quente espada;

E olhos de féras
Cruzando ainda
De um lado, e outro
Da moça linda;

E ella aos guerreiros
Com riso brando
Surdos furores
Amenisando:

Assim caminho
De Coimbra bella
Vem ante as álas
O godo, e ella.

— E assim, c'roada
Em copa d'oiro,
De paz, e graças
Rico thesoiro;

De Coimbra Ataces
A fez brazão,
D'um lado a serpe,
D'outro o leão.

E já de seculos
Grossa dezena
Passou correndo
Por esta scena;

E inda os dous brutos,
Inda a donzella
São a divisa
De Coimbra bella.

-※-※-

Mais do que o vicio
Sempre a virtude
Ao tempo afronta
O olvido rude.

SANTA CRUZ DO BUÇAÇO,
AGOSTO, de 1846.

SOLAO II.

O PENEDO DA SAUDADE.

> Non cercate sul mio volto
> Lo splendor de'lieti dì.
> Come fior dal verno côlto
> Nel dolore impallidì.
>
> F. Romani.

Porque trajas, ó donzella,
Desleixada a trança bella,
Candidas roupas de dó?
Porque a face empalidece?
Porque os olhos humedece
Triste lagrima tão só,

Tão medrosa, tão furtiva,
Nem por isso menos viva,
Menos quente de escaldar,
O' donzella, que tão pura,
Com a brisa, que murmura,
Bem te sinto suspirar?

Debruçada no penedo,
Mais que a sina rijo e quedo,
Mais que a sina, que te mata;
Por esse meigo orisonte,
Nos olivedos defronte,
Tua vista se dilata.

Teu penar, tua saudade
Acham n'esta soledade
Lenitivo a tanta dor;
Porque Aleixo, em longes terras
Queda-se lá pelas guerras,
Dom Aleixo teu amor.

—Mas eis voltam os soldados
Dos campos ensanguentados
De Tavira e de Aljustrel;
Trazem cabeças de mouros,
E bandeiras e thesouros,
E despojos do infiel.

Não ha dama n'esse instante
Sem um riso no semblante,
Um nome no coração;
Só a donzella, coitada,
Na cohorte sublimada
Busca o seu Aleixo em vão.

Acaso ao golpe do alfange
Cahio morto na falange,
Como cae murcha a cecem;
Ou ficou lá prisioneiro
No mimoso cativeiro
De alguma virgem do harem?

Quantas vezes consultaste
Rouxo lirio na su'haste,
No seu calix o jasmim!
Jasmins e lirios murcharam,
E com elles desbotaram
Tuas faces de carmim:

Quantas vezes divagando
Teu olhar sereno e brando
Pelo val das oliveiras,
O imaginaste formoso,
No seu ginete espumoso,
Com suas armas ligeiras!

Quantas vezes pertendeste
Distrahir-te, e percorreste,
D'essas margens o verdor!
O mondego, que serpeia
Voluptuoso pela areia,
Dá rebate ao teu amor.

Quantas vezes o pediste
A's florinhas, que espargiste
Sobre o musgo do rochedo!
— Oh! tenham de ti piedade,
Já que o nome de *saudade*
Leixaste ao bronco penedo.

-✻✻-

Lá se finou a donzella,
Nunca mais se soube d'ella;
Penas foram de matar...
—Quantas fragoas desde ess'hora,
Quantas saudades, senhora,
'Ili se tem ido chorar!

COIMBRA, 1849.

SOLAO III.

BERNARDIM-RIBEIRO.

O' meus desditosos dias,
O' meus dias desditosos,
Como vos his saudosos!

BERNARDIM-RIBEIRO.

CANTO I.

» Quem nascera ao pé do throno!
» Quem fôra infante real!
» Quem timbrar podesse o escudo
» Com diadema imperial!
» Quem offertar regia dextra
» A Beatriz de Portugal!

» Quero-te muito, senhora;
» Hora má, em que te eu vi!
» Nobres paços da Ribeira,
» Quem jamais viera aqui!
» Seres anjo, e não gozar-te,
» E ter olhos,.. ai de mi!

» Beatriz, ó Beatriz!
» Seio mimoso de nata!
» Beatriz, cobre esses olhos
» Com veu espesso de prata,
» Bem espesso, que me esconda
» A formosura, que mata.

» Negra estrella ca me trouxe
» N'estes paços a velar;
» Que importa ser cavalleiro,
» Sentar-me em nobre espaldar!
» Ca de longe vos lamento,
» Singelesas do meu lar.

» Que vim eu fazer á côrte!
» De que serve ao trovador
» Cantar venturas alheias,
» E calar no seio a dôr!
» Antes jogral co'as zagalas,
» Pobre, mas livre no amor.

» Quem nascera ao pé do throno!
» Quem fôra infante real!
» Quem timbrar podesse o escudo
» Com diadema imperial!
» Quem offertar regia dextra
» A Beatriz de Portugal!»

-⁂-

E Beatriz dizia assim
Ao seu caro Bernardim:

«Bernardim, quero-te muito,
» Trovador;
» Diz-me outra vez essa trova,
» Meu amor.»

Torna a cantar Bernardim;
E Beatriz responde assim:

«Outra vez, mais outra, e cento,
» Que desejo
» Beber os sons do alaúde
» N'este beijo.»

E os dedos de Bernardim
Beijando, dizia assim:

«Para o real aposento
»Prompto vai;
»Quero que esposa me peças
»A meu pai.»

Beatríz fallou assim;
Já vai longe Bernardim.

CANTO II.

E no aposento real
Vai entrando o trovador;
A seu rei, e seu senhor
A mão beijou mui leal.
Dom Manuel de Portugal
O silencio rompe emfim:
»Assenta-te ao pé de mim;
»E sê bem vindo, e bem ledo,
»Que vou dizer-te um segredo,
»Meu honrado Bernardim:

»Sabe pois que a filha minha
»Hoje mesmo vou casar,
»E da patria desterrar
»Para Italia, coitadinha!

»Tanta galla, e louçainha,
»Que por'hi se faz assim,
»Sabe que é para este fim.
»E tu, meu dom trovador,
»Has de cantar seu amor;
»Não has de, meu Bernardim?

»Tu seu mestre tão leal,
»Mais que mestre companheiro,
»Terás pezar verdadeiro
»De sua alma angelical.
»Não é certo, dom jogral,
»Que toda a magoa tem fim;
»E consolando-me a mim
»De tão mofina saudade,
»Darás penhor da amizade,
»Que me tens, meu Bernardim?...

E por diante
Elrei Manuel
Ia levando
Seu aranzel;

—Quando attenta o mesquinho que em vão
interroga a mudez do salão:

-❧-

Que Bernardim já vai longe,
Vai já longe Bernardim,
Caminho de negra sina,
Caminho de negro fim,
Caminho dos desenganos
Da traição d'um cherubim.

=Ai, negro fado,
Triste de mim!

Ai, negra trova,
Que eu lhe cantei!
Negros amores,
Que esperdicei!
Maldictos paços,
Maldicto rei!

Maldicta dama,
Que paga assim!
Ai, negro fado,
Triste de mim!

Eu, que a adorava,
Eu, tão leal!
Ai, o seu rosto
Angelical!
Ai, os seus olhos!
Ai, o meu mal!

Traidores olhos,
A olhar-me assim!
Ai, negro fado,
Triste de mim!=

CANTO III.

Eu podia nas mãos esmagar-te,
O' mulher com teu peito de lama!
Atirar aos baldões do palacio
Minha affronta na tez d'essa dama!

Eu podia apontar-te c'o dedo,
E fazer-te essas faces corar;...
—Eu não posso;... feliz vai senhora;
Tu não ousas, não sabes amar.

Eu cá fico a suspirar,
Malfadado trovador;
A gemer, porque não sentes
Um amor qual meu amor,
Qual meus transportes,
Qual minha dôr.

Nas broncas serras de Cintra,
Eu cá me fico a penar,
Nas mouriscas ponedias
De saudades a estalar;
  Vai, bella dama,
  Vai-te folgar.

Tu não tinhas coração,
Que intendesse o meu amor;
São de fogo, abrazam tudo
Ternuras do trovador;
  Poupar quizeste
  Teu fino alvor.

Pertendias que eu subisse
Para o teu solio real,
A descer não te atreveste
Para o meu berço natal.
  Pobre coitado!
  Pobre jogral!

-※※-

E muitos annos assim,
Trepado á serra sem par,
C'os olhos fictos no mar,
Cantava dom Bernardim.

CANTO IV.

Onde vais, ó peregrino,
Encostado ao teu bordão?
«Vou me a Roma, ao Padre-sancto,
» A fazer-lhe confissão.»

Porem caminho de Roma
Não, não segue o forasteiro;
Altos balcões d'um castello
Divisa ao longe primeiro.

—Eis o duque de Saboia,
Eil-o está no seu eirado.
«Quem é esse peregrino
» De semblante macorado?»

—«É portuguez o romeiro.»
E a duqueza se alegrou.
—«Suba, suba aos nossos paços,
» Em boa hora chegou.»

A DUQUEZA.

Oh! que é feito de meu pai,
Do grande rei, dom Manuel?
Quem és tu? e da-me novas
Da minha patria fiel.

O PEREGRINO.

Eu não vi a tua patria,
Eu não vi o rei Manuel,
Eu não vi por esse mundo
Ninguem, que fosse fiel.

Menina e moça, lá foste
Educada em céo d'amores...
Que te importa agora a patria,
A patria dos trovadores!...

Sou um homem, não sei d'onde,
Sou um triste peregrino;
Pendem-me as cans, onde outr'ora
Bellos aneis d'ouro fino.

Pendem-me as cans; — e eu perdôo
A quem m'as fez despontar....
Eu perdôo a quem me mata
Com tão mofino matar.

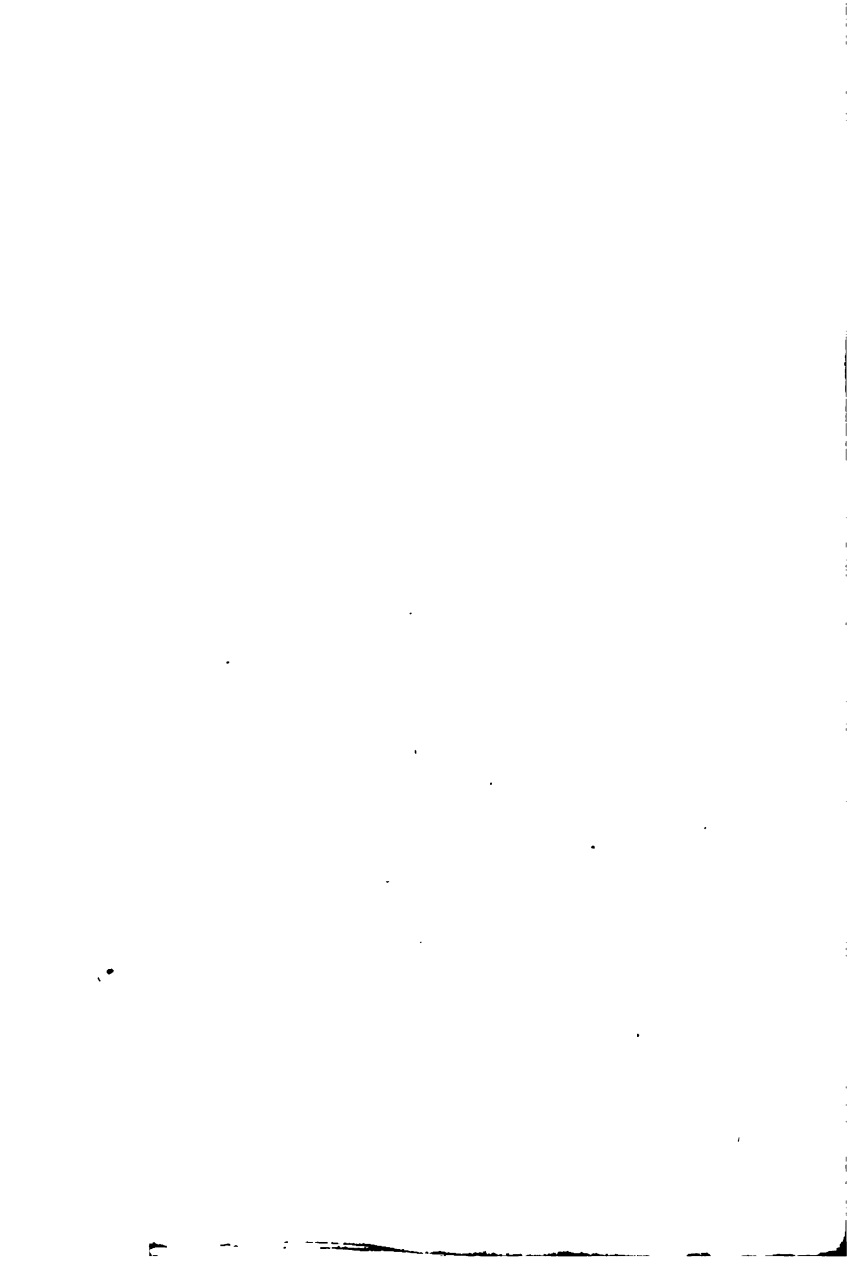
Menina, e moça lá foste,
Educado em céo d'amores...
Que te importa agora a patria,
A patria dos trovadores!...

Senhora minha, quem sou
Oh! ninguem saiba de mi...
Eu não pudo lá finar-me,
Eu venho morrer aqui.

-⁂-

E cahiu no pavimento;
Fundo suspiro que deu!...
E já não lhe bate o peito,
O peito, que alli morreu.

—Era o martyr das saudades,
Malfadado Bernardim;
Era o trovador da serra,
Oh! um poeta... ai de mim!

LISBOA, MAIO DE 1844.

SOLAO IV.

IGNEZ DE CASTRO.

OU

A FONTE DOS AMORES.

Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

CAMÕES. LUS. CANTO III.

Porque vem musa cruel
Nas cordas do meu rabel
Negro assumpto pendurar!..
Oh! eu nasci no Mondego,
Morrer não posso em socego,
Sem a triste Ignez cantar.

Linda Ignez, que tanto amaste,
Eu sei como deliraste
Pelas margens do meu rio;
Sei com que olhos viste a lua,
Que saudosa lá fluctua,
Em bella noite de estio;

Eu sei como em manhan pura,
Junto á fonte, que murmura,
Te ias sósinha assentar;
Sei como instantes contaste
Pelas flores, que apanhaste,
O teu principe a aguardar;

Sei como os olhos formosos
N'esses cedros magestosos
Mui leda estavas fitando,
Com tamanha galhardeza
O primor, a gentileza
Do teu Pedro comparando;

Eu sei com que ternos laços
O cingias em teus braços,
Mal assomava ao portal;
Eu sei as loucas magias
Do beijo, que lhe imprimias
No semblante marcial;

Eu sei os doces segredos,
Que sosinhos, mansos, quedos,
Um ao outro murmuravam;
Sei valores *fabulosos*
D'aquelles — sins — tão medrosos,
Que do labio te escapavam;

Sei o que viam as flores,
Onde os teus e seus amores
Ias, Ignez, occultar;
Sei o sorriso fagueiro,
Que déste ao filho primeiro,
No seu primeiro bradar;

E quando á sombra do cedro
Tu carpias do teu Pedro
A cruel separação,
Eu amei, — eu adivinho
Qual agudo, doce espinho
Te rasgava o coração.

Linda Ignez, anjo celeste,
Que outro crime não tiveste
Dos teus amores além;
Porque o teu algoz tão cego
Nas margens d'este Mondego
Não viveu moço tambem?

Oh! se o rei cruento vira
Nos verdes annos a pyra,
Em que as azas vens crestar,
Estes rosaes, estas fontes,
Estas veigas, estes montes,
Este sol, este luar;

Estes lindos pomos d'ouro,
Pendentes como um thesouro
Da frondosa larangeira;
Esta lympha cristalina,
A tua imagem divina
Reproduzindo fagueira;

Esta relva aljofarada
C'o rocio da alvorada,
Como lagrimas d'amores;
Estas nuvens brancas, lízas,
Este suspirar das brizas,
Este balsamo das flores;

Esta Coimbra tão risonha,
Que adormecida ahi sonha,
Recostada no seu monte,
Um sonho todo meiguice,
Que no acordar não desdisse
Esse magico horisonte;

Este listrão resplendente
Da bella areia luzente,
Sobre que chora o salgueiro;
Este barco tão airoso,
Que se desliza formoso
C'o descante do barqueiro;

Estes alamos erguidos,
Este amor, estes gemidos,
Que aqui geme o rouxinol;
Esta verdura dos montes,
Este azul dos horisontes,
Este meigo pôr do sol;

Oh! se o rei nos verdes annos
Se embalasse entre os arcanos
D'este magico vergel,
Oh! talvez que estremecesse,
Te perdoasse, e gemesse,
Não ousando ser cruel.

Mas de Affonso a temp'ra é dura,
Deu-lhe leite a guerra impura,
Nunca teve coração;
Isabel santa que falle,
O bom Diniz que não calle,
Que o digam sanhas de irmão.

—Triste Ignez, porque nasceste
N'essa era infanda, agreste,
Em que o ser cruel foi lei;
Em que amar era um delicto,
E com poder infinito
Mandava em homens um rei!

Triste Ignez, oh! que não possas
Renascer nas eras nossas,
E outra vez teu Pedro amar,
E os fóros da liberdade,
E as doçuras d'esta idade
Nos braços d'elle gozar!

Tu naceste livre, bella,
Candida, pura, singela,
Como a rosinha em botão;
Não te creou Deos, Ignez,
Para a crua rigidez
D'esses tempos, que lá vão.

-※-

Eu venho, Ignez, n'estas aguas,
Beber tuas doces mágoas,
De teu sangue as tradições,
E a façanha crua, negra,
D'esses dois homens de pedra,
Que te mataram, villões.

Venho chamar á memoria
A triste, nefanda historia
D'essas lagrimas que eu sei,
Quando louca, desgrenhada,
C'os filhinhos abraçada,
Clamavas aos pés do rei;

Quando sublime dizias
O que rudes penedias
Fôra capaz de abrandar,
Quando brotavam gemidos
Maternaes, enternecidos,
D'esse branco seio a arfar;

Quando n'elles se enrolavam
Doces queixas, que matavam
Outrem, que não fosse el-rei;
Quando aos pés do sem piedade
Invocavas a orphandade
D'essa tua pobre grei;

Quando o crú á sua planta
Tal te vê, e não quebranta
A rude sanha feroz;
E co'a mão, que poderosa
Deos só fez para piedosa,
Cruel acena ao algoz. . . .

—O' Ignez, talvez nos echos
D'estes velhos troncos seccos
Inda resoe fatal
Esse grito gemebundo,
Com que déste adeos ao mundo,
Sob a ponta d'um punhal;

Esse grito, que resume
Da agonia no queixume
Tanta dor, tanta saudade;
Esse grito, tão profundo,
De quem deixa cá no mundo
Do coração ametade.

-※-※-

Corram lagrimas em fio
Sobre o marmore sombrio
Da infeliz no mausoleu...
— O' Camões, tu me perdoa,
Se esta lyra humilde entoa
Un assumpto, que é só teu.

COIMBRA, OUTUBRO DE 1848.

SOLAO V.

SAN THIAGO E BELZEBUT.

E ditas as santas palavras
Ei-lo demo vai, ei-lo demo vem
Co'as bragas dependuradas.

GIL VICENTE.

PROLOGO.

Porfiava c'o demonio
San Thiago, certo dia,
Qual dos dous aposta rija
Mais depressa ganharia:
Tracta-se d'uma donzella,
E dous, que morrem por ella,
De 'stremada galhardia.

San Thiago dava ao demo,
Nos meados do verão,
O seu corcel das batalhas,
Por tres dias, e mais não;
Se o demo áquellas tres almas
De christãs roubasse as palmas
Em noite de San João.

E o diabo outros tres dias
Ao Santo de Compostella
Serviria de cavallo,
Tão veloz como a gasella,
Se o céo entrassem ligeiros
Aquelles dous cavalleiros,
Mais a formosa donzella.

Mãos á obra, aposta feita,
Os dous valentes senhores
Porfiados se lançaram,
Como bons mantenedores;
E da maneira seguinte
Ambos foram por acinte
Mercê pedir aos amores.

CANTO I.

Onde vás dom cavalleiro,
Montado em rijo alazão,
Com formosa cotta d'ouro,
Com turbante, e morrião,
Com tal legenda no escudo:
»A noite de San João.»?

A noite de San João
Dá no gôto ao anafil,
Estremado lidador,
Por nome Aben-Boadil,
Rico senhor dos Algarves,
Mui acabado, e gentil.

Mui acabado e gentil
Era teu pai, teu avô;
Em noite de San João
Todos a morte ceifou;
Da crua sina fatal
Só Boadil escapou.

Só Boadil escapou;
Mas Boadil tem vinte annos,
E no seguinte se cumprem
Os seus destinos tyranos:
Oh! não vás dezafial-os,
Que negros são, deshumanos.

Que negros são, deshumanos;
Sofreia o teu alazão,
Despe a tua cotta d'ouro,
E turbante, e morrião,
Risca a legenda do escudo:
»A noite de San João,»

CANTO II.

Sáe de castello roqueiro
Postigo mui recatado;
Atravessa monte, e prado,
Qual perdido aventureiro;
Por vereda tortuosa,
Junto á montanha escabrosa
Pára o bom do cavalleiro.

»É aqui:» disse entredentes;
Desmontou-se do alazão;
E na basta escuridão
Entra com passos trementes.
É caverna immunda, e fria;
Reina lá feiticeria
De negros magos descrentes.

—» Que buscas, dom cavalleiro?»
Brada com voz de trovão
Dentre a espeça negridão
O barbudo feiticeiro;
» Que buscas?» — « A minha sina;
» Uma estrella peregrina
» Traz-me aqui teu prisioneiro.»

—» Tua sina já te disse,
» Já te li o teu condão;
» *A noite de San João*,
» Legenda foi, que eu gravei
» No teu escudo real.»
—» Essa legenda que val,
» Se eu jámais a decifrei!

» Dom feiticeiro, senhor,
» Minha sina, e meu condão!?
» Estala-me o coração
» De saudades, e de amor:
» Vejo em sonhos uma bella,
» Vejo em sonhos uma estrella,
» Vejo em sonhos uma flor.

» Tem madeixas d'ouro fino,
» Olhos azues, que me matam,
» Tem uns seios, que retratam
» O candor adamantino;

»Tenho presos meus cuidados,
»Meus transportes enleados
»N'esse gesto peregrino.

»Dom Feiticeiro, senhor,
»Se é real essa visão,
»Dá-ma para o coração,
»Que para os olhos é dor
»Vêl-a, mas não a lograr:
»Quero aqui mesmo acabar,
»Ou ver a fim d'este amor.»

❧ ❧ ❧

CANTO III.

FEITICEIRO.

Belzebùt, dom Belzebut,
Põe aqui a tua mão;
Pelo Alborah de Mafoma,
Por este signo saymão,
Vez aqui Dom Boadil?
Quer saber o seu condão.

DIABO.

Boadil ha de lográl-a
Em noite de San João.

FEITICEIRO.

Onde vaz dom cavalleiro?
Não acabou teu condão:
Falla mais dom Belzebut,
Dom Belzebut besuntão.

DIABO.

Boadil ha de lográl-a
Em noite de San João;
Ha de lográl-a na tumba,
E morto que vivo não.

FEITICEIRO.

Não desmaies, cavalleiro;
Falla mais, dom besuntão.

DIABO.

Vão d'aqui noventa dias
A' noite de San João:
Se n'esses dias noventa
Pões na espada a tua mão,
Nunca mais teus olhos pretos
Seus azues olhos verão.
Fazes annos vinte e um
Em dia de San João;
Acabou-se á meia noite
Tua sina, teu condão.
Mas se antes da meia noite
Pões na espada a tua mão,

Nunca mais teus olhos pretos
Seus azues olhos verão.

FEITICEIRO.

Não desmaies, cavalleiro;
Falla mais, dom bezuntão.

DIABO.

San Thiago de Galisa,
Sancto de boa feição!
Ha lá torneios, e festas
Em dia de San João:
Vai direito a San Thiago,
Dom Boadil, e mais não.
Passarás por paço d'armas,
Vencerás o guardião;
De que modo não to digo,
Mas com armas isso não.
Vencerás os do torneio,
Estremado campeão;
Terás o premio da lide,
Mas com armas isso não.
O premio d'esses recontros
Dous azues olhinhos são:
Boadil, has-de lográl-os
Em noite de San João.
Mas se antes da meia noite
Pões na espada a tua mão,

Nunca mais teus olhos pretos
Seus azues olhos verão.

FEITICEIRO.

Dom Boadil dos Algarves,
Acabou-se a tua sina.
—Corre, corre, cavalleiro,
Essa estrada peregrina.

❋ ❋ ❋

CANTO IV.

Vai seguindo seu caminho
O valoroso romeiro;
Ninguem os passos lhe veda,
'Thé ao castello roqueiro,
Onde tem seu passo d'armas
Dom Fuas o cavalleiro,
Que jurou vencer no encontro
Todo o fiel passageiro.

Traz o retracto pendente
De Eluzinda, seus amores,
Atado á rija coiraça
Por dous finos passadores.

Boadil attenta nella,
Rompe, iroso, em vãos clamores:
» Ai de mim! eis o meu sonho,
» Minha bella, meus amores. »

BOADIL.

Lidador, quem quer que sejas,
Eu não posso batalhar;
Dá-me espera de trez dias,
Que eu te virei demandar.
Vou-me ao sancto de Galisa;
Por Deus deixa-me passar.

DOM FUAS.

Romeiro, quem quér que sejas,
Comigo vem guerrear.

BOADIL.

Lidador, eu tenho brios,
Tenho forças de leão;
Deixa bater meia noite
Em festa de San João;
Que eu virei vencer por ella,
Que eu virei dár-te razão.

DOM FUAS.

Romeiro, quem quer que sejas,
Segura-te em teu arção.

—Nisto enresta a lança esgnia,
E arremette c'o romeiro.
Boadil finca as esporas
No seu ginete ligeiro,
Salva n'um pulo a estacada,
Furta o corpo ao cavalleiro;
E alto grita: «A' meia noite
» Serei na liça o primeiro.»

—«Dom traidor! dom vil! dom fraco!»
Brada dom Fuas em vão.
Eil-os ambos a correr
Após o mesmo condão.
» A' liça, á liça, por ella,
» Em noite de San João!
» A' liça! flor de meus olhos,
» Olhos de meu coração!»

❋ ❋ ❋

CANTO V.

Gentil torneio se aprosta
Por dona Eluzinda bella,
Na cidade padroeira
Do sancto de Compostella.
Quem vencer inteira a lide
Gosará favores d'ella.

Vem um guerreiro, e mais cento:
Nenhum á dama agradou.
—'Thequeentra o mouro valente;
E Eluzinda lhe acenou.
Mas o mouro quêda estatua,
O mouro não batalhou.

Vem-lhe em torno os lidadores
Suas lanças enrestar;
Vem-lhe as zagalas mil loas
Do San João descantar;
Vem-lhe as damas do torneio
Os seus ramos offertar.

Estatua quêda o guerreiro;
E estatua lá era ainda,
Com os olhos enlevados
Na sua dona Eluzinda,
Quando na arena dom Fuas
A sua carreira finda.

Vem dom Fuas derramado,
E mal avista Boadil,
Assim c'os olhos suspensos
Na sua dama gentil,
Tira o montante, e d'est'arte
Grita ao pasmado anafil:

» A' fé que não, dom Mourás;
» A' fé que te hei de matar!
» A fé que d'essas entranhas
» A vida te hei de arrancar!
» A' fé que hei de il-a em pessoa
» A Belzebut entregar!

» Nem dom Jupiter no céo,
» Nem no inferno dom Plutão,
» Nem San Thiago na terra,
» Nem o teu negro alcorão,
» Podem salvar tua vida,
» Podem suster minha mão. »

—N'isto o fulgido montante
Aos ares alevantou;
Sobre o pulso do anafil
Raivoso descarregou
Fino golpe, que do braço
Valente mão decepou;

Valente mão, — tão valente!
Qual ha hi que o fosse mais?
—Dona Eluzinda a carpir-se
Derramava tristes ais:
» Meu anafil, meu dom mouro,
» Quem não te vira jámais! »

Ergue de novo o montante
O desalmado infanção,
Ergue-o de novo... Eis retumba,
Como o ronco de um trovão,
—Meia noite— pelos bronzes
Da torre de San João.

«Meia noite! meia noite!»
O cavalleiro exclamou;
Ergueu-se como um leão,
Do seu alfange travou;
Duro golpe do montante
Com a lâmina aparou.

Aparou-o, —e com tal arte,
Que o montante se partiu;
E a quebrada, rija ponta
Entre as nuvens se sumiu.
Immovel quedou o alfange,
Immovel, —nem se boliu.

«Real, real!» brada a liça,
«Real por dom Boadil!»
Nada attende, —e só c'um braço
O derramado anafil
Os campeadores investe;
Vence-os todos; eram mil.

Jaz apagada com sangue
A fogueira veladora;
E já desponta no oriente
A azul estrella da aurora,
Quando morre no anafil
Tenaz senha lidadora.

Tinha á cinta charpa d'ouro;
A charpa desenrolou;
Os mil escudos vencidos
Todos n'ella embaraçou;
Os mil escudos vencidos
Aos pés da dama estirou.

CANTO VI.

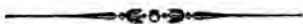
Dona Eluzinda a sorrir-se
Estendeu-lhe a mão formosa,
E imprimiu-lhe um beijo ainda
Com os seus labios de rosa.

É de baldo: — cerra os olhos,
Solta um ai o cavalleiro;
Esvahío-se-lhe a existencia
Por esse osculo primeiro.

Com a voz semi extincta
Chamou defunto por ella:
» Quero ser christão nos braços
» Da minha Eluzinda bella.... »

Gelou-lhe a morte a palavra...
Eluzinda estremeceu;
Do seu converso nos braços
Tambem chorando morreu.

Um côro d'anjos n'essa hora
No céo, bem claro, se ouviu;
A alma d'elle, com a d'ella,
Ao elyseo lá subio.

E quando ao sacro jasigo
Os dous finados levaram,
Dom Fuas, anachoreta,
Já feito monge encontraram.

EPILOGO.

San Thiago n'este dia,
Seu corcel deixando atraz,
Passeou pelas batalhas
A cavallo em satanaz.

COIMBRA, 1842.

SOLAO VI.

D. MARTIM.

Hùa morte ey de morrer,
Que faz mais assi que assi,
Isto não posso sofrer
Averem-se de perder
Os olhos com que vos vi.

Sa' de Miranda.

I.

Andam mouros emboscados
Na coutada de Lorvão;
Põem traidores o seu fito
Contra as portas da traição:

A' lerta meu cavalleiro,
Que te fazem prisioneiro!

Prisioneiro estou eu já
Da minha infante Adozinda;
Nem cabe outro captiveiro
Apoz algema tão linda.

Renderam-me os olhos d'ella,
Nunca vi cousa tão bella.

II.

Dom Martim, senhor fronteiro,
Apercebei-vos em guerra,
Que os mouros d'aquestas partes
Andam já por nossa terra.

A' lerta meu cavalleiro,
Que te fazem prisioneiro!

Senhora minha Adozinda,
Mouros andam por ahi;
Matem-me elles muito embora,
Mas matem-me ao pé de ti.

Renderam-me os olhos d'ella,
Nunca vi cousa tão bella.

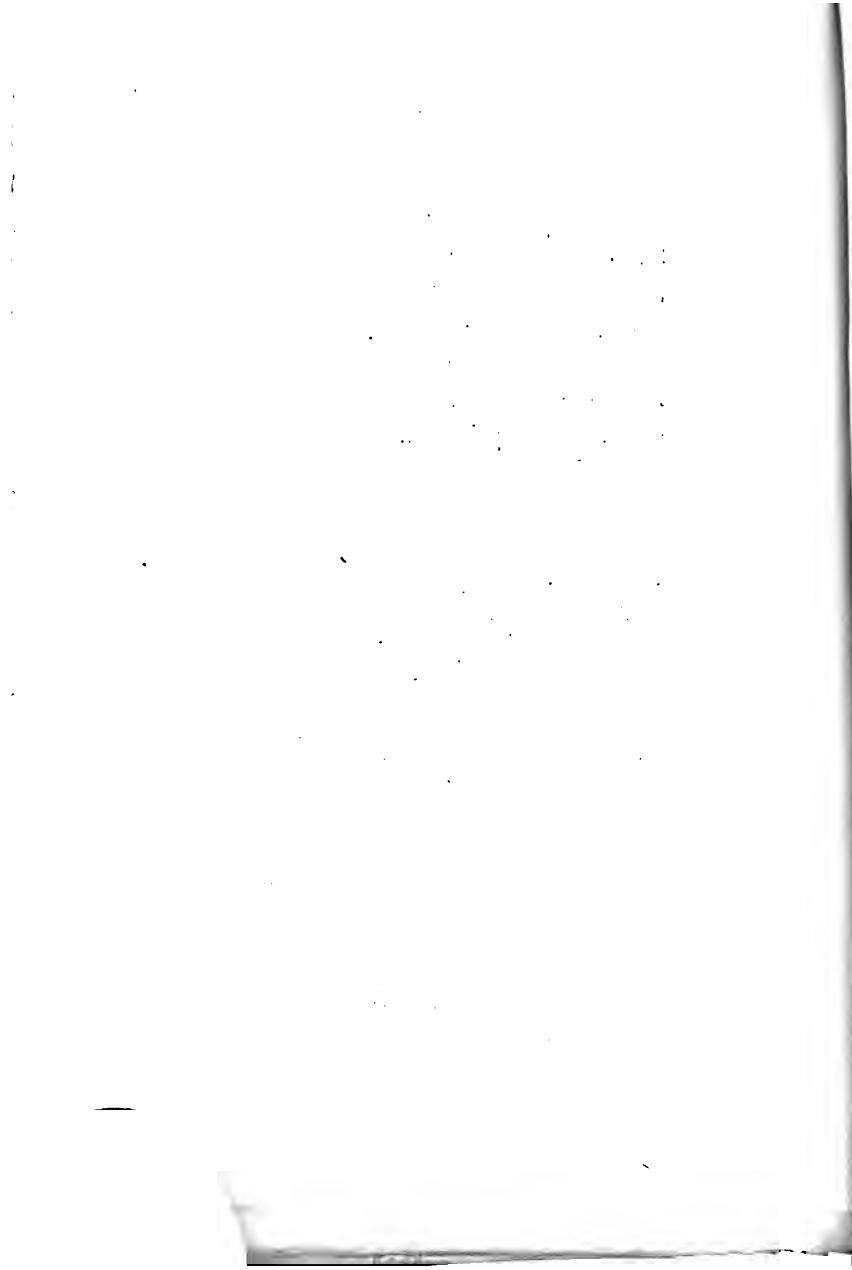
III.

Lá nos passaram ávante,
Lá correm aos basteões,
Dom fronteiro, acode a Coimbra,
Que a matam estes leões.

A'lerta meu cavalleiro,
Que te fazem prisioneiro!

Dom Martim n'ella enlevado
Nada ouvio, nem attentou,
E inda assim bradava quando
Mauro alfange o trespassou:

»Renderam-me os olhos d'ella,
»Nunca vi cousa tão bella.»

SANTA CRUZ DO BUÇACO,
AGOSTO DE 1836.

SOLAO VII.

A MOURA DO DESERTO.

> Qué de suspiros me debe!
> Que ardiendo van de mi pecho,
> Y se hielan en su nieve.
>
> ROMANCE MOURISCO DE ZAIDE.

— Alta noute, densas trevas,
Lá, no céo, nem um clarão;
Bate apenas o meu peito
Na mudez da solidão;
Bate por ti, teus encantos,
Dom Affonso d'Aragão.
  Eu sou neta d'um kalifa,
Princesa de Tetuão;

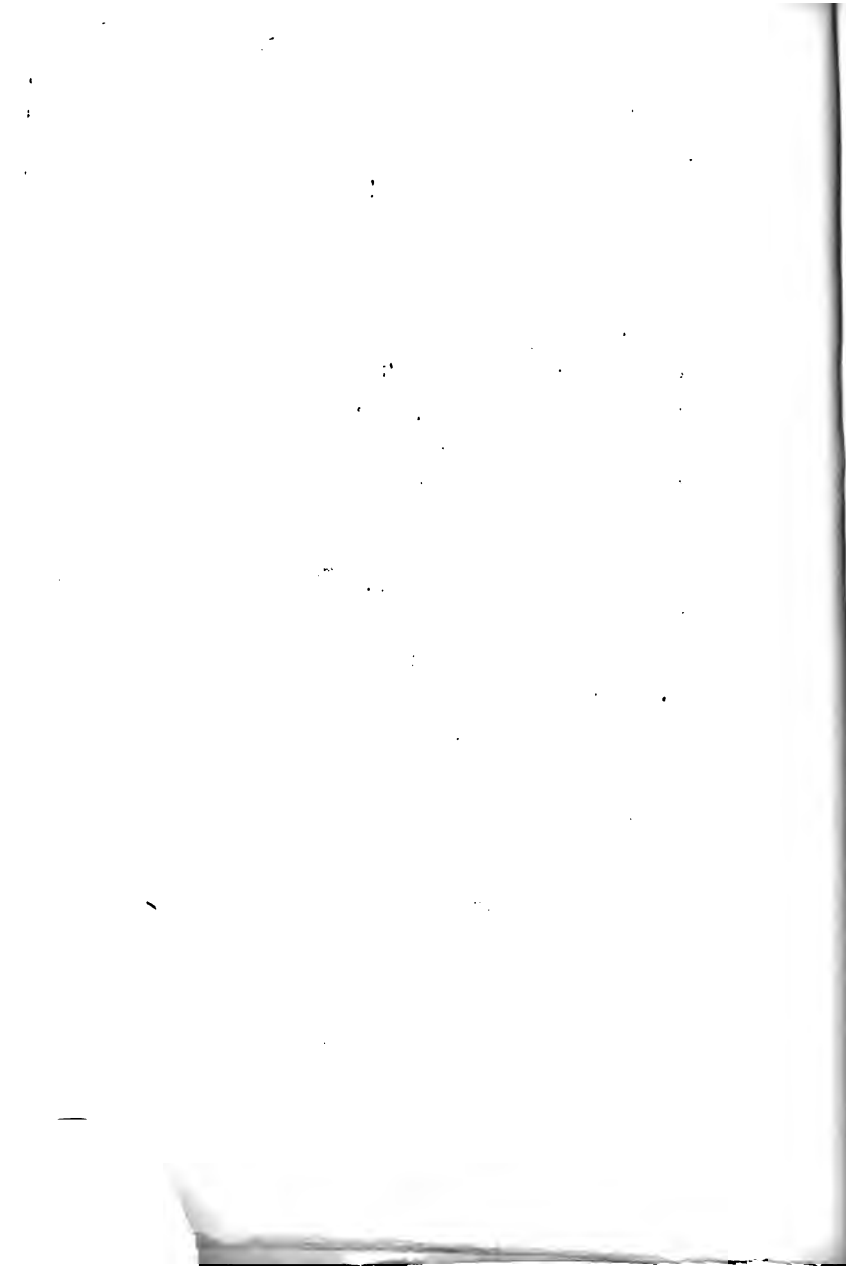
Sou rainha, e tu vassalo,
Moura sou, e tu christão;
Mas teus olhos vibram fogo,
Que me abrasa o coração.

Dom Affonso, não me leixes
Aqui de susto finar.
Que vale o pó do deserto?
Que importam ondas do mar?
Que montam frechas e lanças?
Tu és guerreiro sem par.
Vem buscar-me que sou tua,
Tua sou para te amar,
Para na volta da lide
Te ir ao caminho abraçar,
Trazer-te a lança, e n'um beijo
Tuas iras afagar. =

—Eis se escutam pelas brenhas
Folhas seccas a rugir,
E já mais perto as passadas,
E uns olhos a relusir,
E logo uns braços de fogo
A bella moura a cingir.
=Amores meus, meu Affonso,
Que escutaste o meu carpir!....

Mas que é da tua couraça?
Não sinto a espada a rugir!
Nem me fallas!... E no elmo
Que é das plumas a cahir? =

= Affonso não sou, senhora,
Sou d'Affonso o vencedor;
Metti-lhe um ferro no peito,
Inimigo, e successor.
Tu és minha, nos meus braços;
Sou teu amante e senhor. =
— Eis o raio, que fusila,
Do trovão eis o stridor....
Surge o sol, que encontra mortas
Essas victimas d'amor;
A um lado a moura bella,
Ao outro lado o traidor.

QUINTA DO PAIÇO, EM SANTO THIRSO,
MARÇO, DE 1847.

SOLAO VIII.

D. EGAS MONIZ.

OU

O CASTELLO DA LOUZAN.

Cambastes a Pertigal
Por Castilha,
Abasmades a mei mal
Que dor me filha.
EGAS MONIZ.

I.

» DOna do meu coração,
» Dona, e senhora real,
» Gentil, formosa Violante,
» Nobre flor de Portugal,
» Recebe os preitos cortezes
» Do trovador mui leal.

» Zagalas, — muros a fóra, —
» Oh! que mimosas que são!
» Seios nitidos, e castos,
» Vozes de maga isenção;
» Mas qual ha 'hi, que semelhe
» Do Violante o coração?

» Donzelas, — muros a dentro, —
» São lindezas estremadas,
» Tem os olhos mui fagueiros,
» Tem as faces mui rosadas;
» Mas não são, como Violante,
» Tão singelas, e engraçadas.

» Dona Mafalda é louçan,
» Dona Mafalda é gentil,
» Dona Mafalda, rabinha,
» Sobreleva a mil, e mil;
» Mas o garbo de Violante
» É mais nobre, e senhoril.

» Em lide brava de mouros
» Mui rudes transes passei;
» Em liça de campeadores
» Muitas couraças falsei:
» Nunca por dama tão linda
» A minha lança quebrei.

»Já de Cordova, e Sevilha
»Vi os muros desleaes,
»E das moças andaluzas
»Os grandes olhos reaes:
»Olhos da minha Violante
»No mundo não tem iguaes.

»Ao lado do senhor rei
»Por longes terras corri;
»Prisioneiro na Mourama,
»Que estranhas cousas que vi!
»Parecer não ha tão bello
»Nos vastos harens de Allí.

»Dona do meu coração,
»Dona, e senhora real,
»Gentil formoza Violante,
»Nobre flôr de Portugal;
»Recebe os preitos cortezes
»Do trovador mui leal.»

-※-※-

E assim dizia dom Egas,
Dom Egas, o trovador,
Da Louzan pelo castello,
Entregue ás fragoas d'amor;
Que de Violante o renderam
Graça, belleza, pudôr.

E assim Violante o escutava
Da paz no lêdo folgar,
Pelos balcões do palacio,
De ternura a suspirar,
Suavemente embalada
Por este doce cantar.

II.

Dom Egas, triste dom Egas,
Que vais 'hi c'os mais guerreiros
Provar longe de Violante
Duros transes derradeiros,
Lá te ficam na muralha
Os cuidados prisioneiros.

Vão todos ledos cantando
Canção de guerra fatal;
E todos levam na idêa
Affonso de Portugal:
— Tu só levas de Violante
Parecer angelical.

Foi sempre o nobre dom Egas
Primeiro dos campeões;

Sempre luzio sua espada
Na frente dos batalhões:
—Hoje o seu negro penacho
Ondeia atraz dos peões.

E já vai longe dos muros
A nobre turba christan;
E no balcão maioral
Do castello da Louzan
Inda assomada se vê
A formoza castellan.

E o mancebo as redeas volta
Ao seu formozo alazão,
E olhos fita no castello,
—Olhos, vida, e coração;
E jura santa d'est'arte
Ambos trocaram em vão:

» Por longes terras irás,
» Por longes terras irei;
» E nunca me olvidarás,
» E nunca te olvidarei;
» A mim só te entregarás.
» Só a ti me entregarei. »

III.

E annos sobre annos correram,
Vai longe a guerra com mouros.
— Violante, por quem penteias
Teus finos cabelos louros?
Por quem o seio adereças
Com teus preciosos thesouros?

Volveu acaso dom Egas
Da lide por acabar,
E da Louzan ao castello
Vem hymeneu celebrar?
Tanta festa por ventura
Não diz que alguem vai casar?

VIOLANTE.

Casarei eu, mal peccado!
Mal peccado! casarei;
Mas com outrem, que não elle,
—Triste de mi, que farei!
O guerreiro castelhano,
Nunca o vi, nunca o amei.

RAINHA.

Aia minha, muito amada,
Dou-vos marido chibante,

Castelhano enobrécido,
Igual com dona Violante.
— Dom Egas lá tem á guerra;
Que a paz vai inda distante.

VIOLANTE.

Dona rabinha, senhora,
Triste de mi, que farei!
Nunca dom Egas me olvida,
Nunca eu o olvidarei;
No dia do apartamento
Elle jurou, e eu jurei.

RABINHA.

Juras de moços não valem,
Palavras, leva-as o vento;
Lindos olhos tem as mouras,
Olhinhos, que dão tormento
A dom Egas, que enlevado
Vos perdeu do pensamento.

VIOLANTE.

Fé que não! dona rabinha;
E um feitiço já deitei,
Má hora me olvidará,
Hora má o olvidarei.
— O feitiço não me engana,
Com dom Egas casarei.

RAINHA.

O guerreiro castelhano
Tem rubra face tostada,
Tem bigode retorcido,
Tem nobre, valente espada,
Tem grãos feudos, e riquezas
Na fronteira de Granada.

VIOLANTE.

Fé que não! senhora minha;
Negra de mi, que o amei!
Mal peccado eu o olvidasse!..
Ai! nunca eu o olvidarei:
Por bigodes castelhanos
Portuguez não trocarei.

—A mui travessa Violante
Assim chorando dizia;
Mas o vestido da bôda
Muito ligeira vestia,
E os bigodes do guerreiro
Espreitava á gelosia.

IV.

Tange o arauto a buzina:
— » Erga-se a porta serrada;
» Que ao castello da Louzan
» Trazem solemne embaixada;
» Manda el-rei novas do campo
» A' rainha muito amada. »

— » Que novas trazes, senhor? »
Dona Mafalda dizia.
» Findou a lide com mouros. »
O arauto lhe respondia,
» Victoria por dom Affonso,
» Victoria d'alta valia. »

— » Real! real! por Affonso! »
O povo em torno bradava;
Muito alindo, e muita gala
Pelos peitos se arraiava,
Na matriz *Te Deum* solemne
Mui lêdo o Abbade cantava.

Já se ouviram atabales;
Já vem perto os cavalleiros.
Ai! que poucos escaparam
Dos nús alfanges ceifeiros!
— Poucos, mas bons, e briosos,
Mui acabados guerreiros.

E vem na frente dom Egas,
Dom Egas, o capitão,
A viseira alevantada,
Sanguenta espada na mão,
Louros na ponta da lança,
Montado em seu alazão.

»Praça a dom Egas valente,
»A dom Egas campeador,
»Bravo na guerra de mouros,
»Terno em batalha de amor,
»Dom Egas, o coroado,
»Dom Egas, o vencedor.»

Vão as moças da Louzan
Nas janellas assomando;
Dona Mafalda co'as damas
Está no paço aguardando.
»Ao balcão vinde, senhora,
»Vinde a vêr o gentil bando.»

Vai entrando o povo em ondas
Dos paços no atrio real;
Tremulam pelas ameias
Bandeiras de Portugal;
Brada o arauto, apartando
O tumultuoso arraial:

»Praça a dom Egas valente,
»Dom Egas, o campeador,
»Bravo na guerra de mouros,
»Terno em batalha de amor,
»Dom Egas, o coroado,
»Dom Egas, o vencedor.»

V.

E dom Egas se enderessa
Para a arraiada janella,
Aonde está debruçada
Violante candida, e bella,
Sem vêr que tem ao seu lado
Negras barbas de Castella;

E diz tal:—» Dona Violante,
»Dona do meu coração,
»Batalhei rijas batalhas,
»Fizeram-me lá capitão;
»Ganhei despôjos, e terras,
»—Pela patria á fé que não!

» Por ti só, dona Violante,
»Por ti só, que não por al;

» Abaixo do senhor rei
» Sou primeiro em Portugal:
» Queres tu ser minha esposa,
» Violante angelical?»

E a dama acutuvelava
Com sorrir sonso, e arteiro,
De si mui vangloriosa,
O castelhano guerreiro,
Que os bigodes affagava
Com ademan traiçoeiro.

'Thé que alfim, de ouvir cansado,
No balcão se endireitou,
Ergueu a ferrea manopla,
E assim ao moço bradou:
» A ti só, até morrer!»
E o guante lhe arremeçou.

Chora em vão dona Violante,
E a rainha brada em vão;
Que açodado vai correndo
Castelhano campeão:
» Minha lança! minha espada!
» Meu broquel! meu alazão!»

Dom Egas fica interdicto,
Immovel, louco, pasmado,

Esfroga os olhos, e benze-se,
A julgar-se enfeitiçado;
Olha alfim para o balcão,
Desafogando em tal brado:

»Fé que és vil, dona Violante!
»Fé que és vil, ó cavalleiro!
»Fé que no seio mereces
»Fino punhal traiçoeiro!
»Fé que a barbas de castella
»Mostrarei que sou guerreiro!»

VI.

Eil-os 'hi em face um do outro,
Sobre a arêna os campeões,
De labio a labio trocando
Improperios, maldições,
Impacientes, raivosos,
Pulando sobre os arções.

— Eis move novo arruido
Voz que diz: «Real! real!
»Praça ao senhor dom Affonso!
»Praça a el-rei de Portugal!

»Ao valente dos valentes,
»Dos maioraes maioral!»

Vem el-rei castello dentro,
Bengala erguida na mão;
Olhos fita carrancudo
N'um e n'outro campeão;
E diz d'est'arte, arrojando
Entre os dous o seu bastão:

»Paz aqui, nobres senhores!
»Paz aqui, que mando eu!
»Mulher, que tráe suas juras,
»Lide tal não mereceu;
»Vale hoje dona Violante
»Menos que mouro, e judeu.

»Mando, nobre castelhano,
»Leves Violante d'aqui.
»Mando, dom Egas, que escolhas
»Mulher mais digna de ti.
»Mando aos noveis meus donzeis
»Que os olhos ponham alli.»

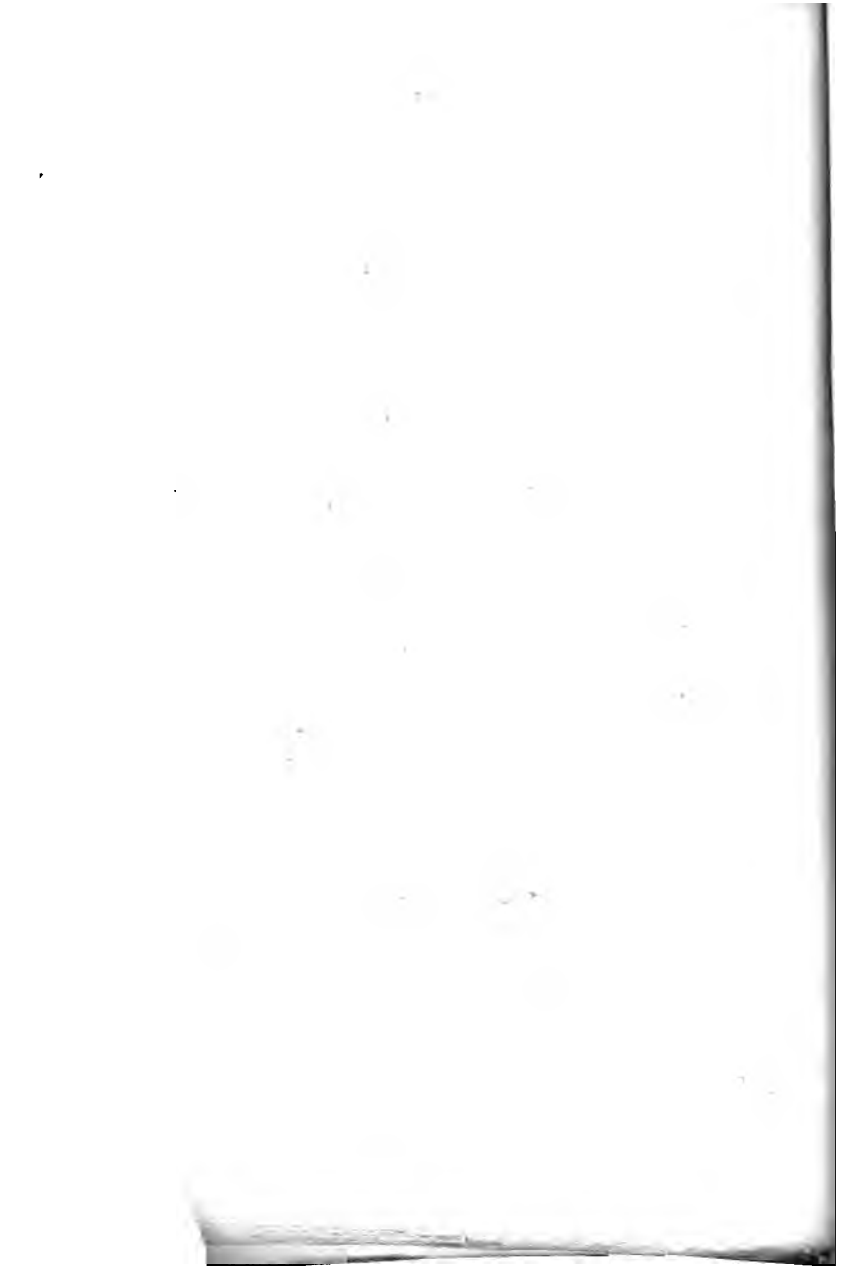
— Correu-se dona Violante,
E com seu veo se cobriu.
— O castelhano orgulhoso
Abandonou-a, e partio.

—E a plebe em torno apinhada
Do caso estranho se rio.

-⁂-

—E dom Egas jura eterna
Fez de nunca mais amar;
Vida viveu trabalhada
Sua desdita a chorar;
Morreu morte de valentes,
Alto guerreiro sem par.

—E indo a rabinha chorando
Sua dama consolar,
Disse-lhe esta: « Não choreis;
» Sou mulher, — e quiz casar;
» Enganei dous de tal cunho,
» Posso inda mil enganar. »

Quinta da Guarita
septembro de 1840.

SOLAO IX.

D. GOÉSTO ANZUR,

OU

BRASÃO DE FIGUEIREDOS.

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei.
SOLAO POPULAR.

Bello moço, dom Goésto,
Dom cavalleiro christão,
Que com tão galhardo gesto
Desmontas teu alazão,
Sem broquel, sem lança, ou'spada,
Lá do outeiro na assomada,
Porque trepas afanoso?
—Viste ao longe uns olhos bellos,
Viste uns dourados cabellos,
Viste um semblante choroso.

— Bello moço dom Goésto,
Não entres no figueiral;
Esse gemido funesto
É agouro do teu mal.
Nada escuta o cavalleiro,
Trepa o muro, qual o outeiro,
Salta intrepido ao cercal:
» Ouvi aqui uns anhelos,
» Vi de longe uns olhos bellos;
» Quem vos faz, ó donas, mal?»

—» Faz-nos mal um rei tyrano,»
Diz a mais linda, que vistes,
» Mauregato, o deshumano;
» Somos seis donzellas tristes,
» Somos o feudo do mouro,
» Que da paz pelo thesouro
» Troca um vil nossa izempção;
» I'-vos em bem, cavalleiro,
» Nosso mal está primeiro,
» Já que é debil esta mão;

» Ja que é debil, pois so o ferro
» Qual vós outros impunhára,
» Das cem virgens o desterro
» Nunca mais elrei mandára...»

— » Em que mande! Ao captiveiro
» Del-rei, dis o cavalleiro.,
» As seis damas não irão;
» Pelos olhos d'essa cara
» Vidas mil, antes trocára,
» Vidas mil e o coração.

» Sou dom Goésto, senhora,
» Dom Goésto Anzur, e juro
» Livrar-vos antes d'uma hora
» D'esse captiveiro impuro ...»
— » Juras falso!» — voz grosseira
Sáe da calada viseira
D'um mouraz armado em guerra;
— » Juras falso!» — e n'esse instante
Ergue o pesado montante
Sobre Anzur, que cáe por terra.....

Mas eil-o de novo erguido,
Eil-o em torno ao figueiral,
Desgalhando destemido
Esse troço triumfal,
Com que vence e mata o mouro,
Com que alcança o seu thesouro,
Com que põe em debandada
A mourisma, e grita alfim:

6.

» Livres sois, donas, por mim,
» Ir podeis á patria amada. »

—E ellas: » Já patria não temos,
» A nossa patria sois vós;
» Mais tal rei não serviremos,
» Que assim nos vende feroz;
» Vale mais do que Oviedo
» Este bello figueiredo,
» De que vós, Anzur, sois rei;
» É tua nossa vontade,
» Tua nossa liberdade,
» O teu gosto nossa lei. »

—E inda de sangue banhado,
Dom Goésto estende a mão
A' mais bella, e namorado
A cinge ao seu coração...
Foi eterno tal amor;
E não mais lhes lembra a dor,
Que afogaram em caricias.
—Sua larga descendencia
Prende ahi sua existencia
N'esse beijo de delicias.

COIMBRA. 1849.

SOLAO X.

A VIRGEM MARTYR SANTA COMBA.

O' santa Maria, senóra,
No me quieras olvidare!
Atí encomiendo mi alma,
Plégate de la guardàre,
En este trago de muerte
Esfuerzo me quieras dare.
ROMANCE ANTIGO.

I.

TOca o arauto a trombeta,
Brada álerta a sentinella;
O cide monta a cavallo,
Bello corcel, rica sella,
Vôa d'Hercules á torre:
»Essa turba, que diz ella?»

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

—Cavalleiros da Mourama,
Limpai armas, e broqueis;
Sacerdotes, na mesquita
Ide ajuntar os fieis;
Haja folguedo tamanho,
Como cumpre ao rei dos reis.

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

—A' furtadella entrementes
Diz a gente coimbran:
»Que vem cá fazer el-rei?
»Aqui não ha castellan,
»E a vocação da cidade
»É, mais que moura, christan...»

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

—Eil-o assoma entre cem lanças
Lá no monte da Piedade.

»Ai de nós! christãos exclamam,
»Ai da nossa liberdade!»
—»Allá! bradam musulmanos,
»Que nobre fica a cidade!»

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

—Cáe a porta levadiça
Sobre o fosso d'Almedina,
Télas, joias, e bandeiras
Brilham por toda a collina;
Para el-rei galopa o cide
Do corcel pegado á crina.

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

II.

O rei mouro veio ás portas,
Mas as portas não entrou;
— Caminho da selva negra
Ao cide alli perguntou:

=Onde é que está?
Quero me ir lá. =

=A selva negra, a que fica
De Voimarães junto ao prado?
Entrai senhor no castello,
E vel-a-heis do meu eirado. =

=Onde é que está?
Quero me ír lá.=

=A selva negra, senhor!
A selva triste, e bravia,
Ao pôr do sol, como agora,
Medonha, horrenda. e sombria !=

=Onde é que está?
Quero me ír lá.=

=Por onde andam brutas féras,
Andam christãos forasteiros,
Andam pardos lobis-homens,
E bruxas e feiticeiros !=

=Onde é que está?
Quero me ír lá.=

=Senhor rei por Mafamede. . . =
=Por elle vos matarei. . . . . .
Onde fica a selva negra,
Se amais a vida, dizei.

Onde é que está?
Quero me ír lá.=

=Iremos todos comvosco.=
=Não vai comigo ninguem:
Dá-me, cide, o teu sayão;
Esse comigo só vem.

Onde é que está?
Quero me ir lá.=

—Tudo ficou a tremer,
E foi-se o mouro correndo;
Tomou d'ancas o sayão,
E ao sayão ía dizendo:

»Onde é que está?
»Quero me ír lá.»

III.

Comba linda, linda Comba,
Raça de godos brilhante,
Mais nobre do que uma infante,
Mais formosa que uma pomba;

Que fazes por esses prados,
Neta de reis desvalida,
Na selva negra escondida,
A guardar alheios gados?

Abaixas os castos olhos
A's requestas dos pastores,
Ao canto dos trovadores
Foges por entre os abrolhos.

Muitos cides, muitos reis
Já pediram tua mão:
Mas o teu sangue christão
Não se ajunta aos infieis.

Levas á fonte o rebanho,
Colhes florinhas na relva,
Gozas o fresco da selva:
Onde ha'hi prazer tamanho?

Quiz despozar-te el-rei mouro,
E d'el-rei mouro fugiste;
Ao diadema preferiste
Da virgindade o thesouro.

No bosque não ha capella;
Mas tu ergueste uma cruz,
E apenas a aurora luz,
Vaes abraçar-te com ella.

Tu és a flôr das christans,
O primor da castidade,
Modelo de caridade,
Esmero de coimbrans.

Comba linda, linda Comba,
Raça de godos brilhante,
Mais nobre do que uma infante,
Mais formosa que uma pomba.

IV.

»Parai aqui senhor rei,
»Que na selva negra estamos;
»Os valles de Voimarães
»A' direita já deixamos,
»Real senhor,
»Eu tenho horror.»

O sayão falou assim;
E el-rei mouro se apeou,
E prendeu do bruto as redeas
A um tronco, que alli achou.

» Real senhor,
» Eu tenho horror.»

Vai el-rei floresta dentro
C'o fino alfange na mão;
Ramos, que a via lhe impedem,
Cega-os o rijo espadão.

» Real senhor,
» Eu tenho horror.»

Uma cruz el-rei divisa
No centro d'essa clareira.
Ei-lo espumando, que brada:
» Comba é minha prisioneira.»

—» Real senhor,
» Eu tenho horror.»

V.

—» Senhor Deos! Christo Jesus!
» Ai de mi!
» Que sinto mouros andarem
» Por ahi.

» Abraçada ao santo lenho
» Morrerei;

»Mas esposa do tyrano
»Não serei.

»A toda a parte, onde fujo,
»Vai buscar-me;
»Resta-me só nos teus braços
»Asilar-me.

»Livrai-me deste peccado,
»Meu bom Jesus adorado.»

Aos pés da cruz de joelhos
Assim a virgem dizia,
Mas já pelas tranças d'ebano
O rei mouro a sacudia:

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

=Senhor rei, ah! por quem sois!..
Deixa, deixa a minha trança;
Sejas tu senhor do mundo,
Não vences minha esquivança.=

=Has de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

=Morrerei por meus peccados,
Mas por Christo morrerei.=
=Deixa Christo, e nos meus braços
Ouro, e thronos te darei;

Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

=Desprézo os thronos da terra;
Erguem-se ao céo meus anhelos.=
=Vel-o-has em breve: sayão!
Traze cravos, e martellos.

Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

—Passa o carrasco uma corda
Pela cinta da donzella;
E guinda ao alto da cruz
A virgem candida, e bella.

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

Ata ao lenho as curtas plantas,
Um cravo lhe aponta á mão;
Erguido está o martello;
E brada el-rei qual trovão:

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

Os olhos lindos de Comba
Immoveis fitam o céo;
O —*não*,— que ao labio lhe assoma,
É sem mysterio, sem véu.

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

Solta o martello tremendo
No cravo rija pancada;
E os mombros se desconjuntam
Da casta mão delicada.

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

Os negros olhos da virgem
Não se desprendem do céo;
E mais firme o labio grita:
»Não!» —e o mouro estremeceu.

=Hasde ser minha esposada.
Ou morres crucificada.=

Um cravo as plantas lhe esmaga,
Prende-lhe um cravo a outra mão;
Sempre nos labios virgineos
Mais firme se escuta:— « não ! »

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada. =

VI.

Placido somno de morte
Cerra os olhos da donzella;
Foje o carmim pudibundo
Da face candida, e bella;
O mouro solta um arranco,
E fica estatua ao pé d'ella.

Abrio-se a terra espantada,
E o féro mouro tragou;
—Abrio-se o céo, e das nuvens
Um côro d'anjos baixou;
E á virgem santa nos braços
A virgem martyr levou.

S.ta CRUZ DO BUSSACO,
AGÔSTO de 1836.

SOLAO XI.

CAMÕES, NA GRUTA DE MACAO,

OU

A VESPERA DOS LUZIADES.

O favor, com que mais se accende o engenho,
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada, e vil tristeza.

CAMÕES, LUSIADES, CANTO X.

Triste vida, que aqui passo
N'este solo rude, escaço,
Que não foi, que não é meu!
Triste vida a do proscripto,
Que em seu penar infinito
Descrê da terra, e do ceo!

Tristes dias sem ventura,
Tristes noites de amargura,
Triste dor do desterrado!
Quem ha 'hi por esse mundo,
Que troque o mal mais profundo
Pelo meu acerbo fado?

Eu sou soldado, e sou pobre,
Que não me vale ser nobre,
Sou Camões, o trovador;
N'esta terra de Macáo
Só me resta humilde Jáo,
Para alivio á minha dor.

Desponta o sol no oriente,
Vem risonho, ledo, e quente,
Estas praias alegrar;
Dos seus raios a bellesa
Augmenta a minha tristesa,
Redobra o meu suspirar.

Em linda noite fluctua
Saudosa e palida a lua,
Lá, no ceo de estrelas cheio;
Seu fulgor, tão meigo outrora,
Exacerba mais agora
Cruas frugoas d'este seio.

Que importam aves da selva
Que importam lyrios da relva,
Que importam brisas do mar?
Não são minhas estas flores,
Não são meus estes amores,
Não é meu este folgar.

Cada riso d'essa gente,
Que por mim passa inclemente,
Ostentando o seu praser,
É punhal, que me trespassa,
É serpente, que se enlaça
No coração a morrer.

Que te fiz, ó patria amada,
Terra minha idolatrada,
Para assim me despresares?
Quem o nome portuguez
Com maior intrepidez
Celebrou em seus cantares?

Que poeta, ou que soldado,
Ou na lira, ou no traçado,
Deu á patria mais amor?....
Que soldado, ou que poeta
Rege no ceo um planeta
De influxo mais opressor?

N'esta gruta solitaria,
Minha ideia incerta, vária,
Em que pensa? — em Portugal.
Lá meus amores ficaram;
De lá Camões desterraram
Para esta rocha fatal.

É delicto ser poeta?
É crime a voz do propheta
Verdades só descantar?
É delicto ter amor?
É crime aos pés d'um senhor
Não ir a fronte curvar?

É crime os olhos erguer
Para uma dama, e morrer
Da mais extrema paixão?
É crime aos pés d'essa dama
Todo em amor, todo em chama
Arrojar um coração?....

Não importa; — n'esta gruta,
N'esta rocha árida e bruta
Hei de eu erguer um padrão,
Mais do que as pênhas adusto,
Mais que os seculos robusto,
Maior que a minha nação.

De Rhodes pode o coloço,
Ao grito de — mando e posso, —
Fundir-se, desparecer;
Mas o padrão, que eu levanto,
Não entra n'elle o quebranto,
Não ha de nunca morrer.

Eu tenho-o aqui, n'esta mente;
É mais que a Iliade ingente;
A' patria o heide legar.
Oh! seja ella embora ingrata,
Essa ingratidão não mata
O meu civismo sem par.

Outros lá, n'essa Lisboa,
A privança galardoa,
Com medalhas, e brasões;
Cavalguem bellos telizes,
Sejam ricos e felizes,
Sejam tudo;....eu sou Camões.

COIMBRA, MAIO, DE 1849.

SOLAO XII.

ENGRACIA RAMILA.

> Pues amas, triste amador,
> Dime, qué cosa es amor?
> — Es una fuente do mana
> Agua dulce y amargosa,
> Que á los unos es muy sana,
> Y à los otros peligrosa.
>
> JUAN DE LA ENCINA.

» Triste, triste dom Pelaio,
» Queres tu a liberdade?
» Queres tu volver de novo,
» Ao teu lar, tua cidade,
» Nos braços da noiva linda
» Mitigar cruel saudade?»

» — Se quero, dona princeza. »
Dom Pelaio respondia
A' donosa illustre moura,
Que tal pratica fazia,
» — Se quero! — por vê-la uma hora
» O braço, e peito daria.

»Deixei lá, senhora minha,
»Metade do coração;
»Só logrei carinhos d'ella
»Em noite de san João,
»Que no dia fui á guerra,
»Deitaram-me este grilhão,

»Triste, triste do captivo,
»Que infanção, e cavalleiro,
»Arrasto, vai em dez annos,
»Na mourama prisioneiro,
»Saudades da minha noiva,
»Algemas do captiveiro.

»Oh! doei-vos do captivo,
»Dai-me carta de alforria,
»Que ao meu san João cada anno
»Farei por vós romaria;
»Accesas, por vós, tres velas
»Lhe queimarei noite e dia.»

PRINCEZA.

—» As vossas velas regeito,
»Mais a vossa devoção;
»De vós quero outro serviço
»Em noite de san João;
»Dou-vos pról e liberdade
»Com esta só condição.

»Ide a Falla, vossa terra:
»— Noite e dia correreis; —
»Levais um bôlo encantado,
»Do bôlo não comereis;
»Levais o fito na esposa,
»A' esposa não fallareis.

»Mal das margens do Mondego
»Virdes Coimbra a sorrir,
»Aguardareis que anouteça,
»Para caminho seguir;
»Só juncto á fonte da moura
»Deveis o bôlo partir.

»Duas bicas tem a fonte,
»A senistra deixareis;
»E por Engracia Ramila
»Mui de manso chamareis....
»—Parti, parti, que de monta
»É o galardão, que tereis,»

E jurou-lhe o cavalleiro
Por sua fé, seu amor,
Cumprir o voto, que dera,....
Cumpril-o sem ser traidor.
— Ei-lo nas asas dos ventos
Lá vai os mares transpôr.

II.

Pelas fraldas d'um outeiro
Gentilmente recostada,
'Thé morrer no Monte sancto
Em verde prado poisada;
Juncto á margem do mondego
Surge Falla tão fallada,

Fallada por suas aguas;
E romana fundação,
Fallada por nossos reis,
E Fernando de Leão,
E pela fonte da moura.
A moura do san João.

San João! eis tua noite,
Noite de fogo, e de amor!
»—Donde vens tão açodado
»Peregrino trovador?
»Lá viste acaso Pelaio,
»Dom Pelaio, meu amor?»

Assim a noiva dizia,
A noiva do cavalleiro,
Quando elle, desconhecido,
Mudo trepava o outeiró;
Elle tão mudo, que treme
Ser á jura traiçoeiro.

Mas aquella voz tão meiga,
Os negros olhos gentis;
Os alvos seios arfando,
A gemer pelo infeliz;
Tudo n'alma do mancebo
Passadas juras desdiz.

É rija a prova;— hesitára;
Quer fugir o cavalleiro:
Mas ei-la ahi tão formosa,
Ella, seu amor primeiro,
Ella a instar-lhe, os olhos rasos,
Por novas do prisioneiro.

Mais não póde; é cinza a jura;
O peregrino ergue o braço:
Eis em terra o manto, a gôrra,
Eis o segredo devasso....
»Dom Pelaio!!» — Os dous amantes
São um só no mesmo abraço.

E as fogueiras d'essa noite
Seus tangeres e folgar,
Nada são juncto á ventura
D'aquelle mimoso par,
Que esquece n'uma só hora
Dez annos de suspirar.

III.

Dá meia noite na torre,
Na torre do Monte sancto:
Do coração de Pelaio
Trava insolito quebranto;
Acorda, lembra-lhe a jura,
A jura do seu encanto.

Rica de beijos dormia-lhe
Ao lado a esposa formosa;
Pé ante pé o mancebo
Foge da instancia amorosa;
E c'ó bôlo corre á fonte,
Que vai a alma pressurosa.

Corre á fonte, e quer partil-o;
Pasma do bôlo encantado;
Por que a esposa ás furtadellas
Um pedaço lhe ha provado:
Treme de susto por ella,
Treme de haver falseado.

Assim mesmo, despeitoso,
Parte o bôlo, que, estalando
Como raio em tempestade,
De seu bojo vai largando
Arreado palafrem,
Alli mui quedo a seu mando.

Meravilha-se Pelaio
Toma ao ginete o bridão;
O ginete cai por terra,
E revolve-se no chão:
Cai por terra, que lhe falta,
Qual no bôlo, a sestra mão.

»Negro de mim! diz o moço,
»Ai! negra da minha jura!»
E eil-o corre mui de manso
A chamar na fonte pura
Pela moura, que lá dentro
Mui gentil se lhe figura.

Chamou tremendo por ella,
A' dextra bica escutando.
Fallou-lhe Engracia Ramila
Mui de dentro suspirando,
Sua voz melodiosa
Em soluços abafando:

RAMILA,

»Negro de ti, dom Pelaio,
»Dom captivo traiçoeiro;
»Negro de ti, que vendeste
»Honradez de cavalleiro:
»Por amor d'uma só noite
»Dobraste o meu captiveiro.

» Aqui gemo em soledade;
» Tem dez annos meu condão:
» E só pode libertar-me
» D'esta encantada prisão
» O captivo, que dez annos
» Soffrer com resignação,

» Que voltar do captiveiro,
» Passando pelo seu lar,
» Sem volver saudosos olhos,
» Sem da noiva se importar,
» Sem faltar ao juramento
» De me vir desencantar.

» Tu faltáste fementido;
» Mais dez annos gemerei;
» Porem minhas ricas joias,
» Meu ouro não te darei,
» Thesouros, com que podia
» Pôr-te corôa de rei;

» 'Thé que venha outro captivo
» De mais honra. » — E nisto abrindo
A lage da clara fonte,
Eis mostra o thesouro infindo;
E grossa cadeia d'ouro
Ao moço offerta sorrindo.

RAMILA.

»Já que tu não mereceste
»O soberbo galardão,
»Leva em penhor da verdade
»Este formoso grilhão,
»O signal do meu despreso,
»Signal da tua traição.»

IV.

Já nos céus desponta a aurora
Com seu rosado clarão,
De aljofares semeando
Campinas do san João,
Quando a casa volve o moço
A buscar consolação.

NOIVA.

»Desconsolado tu sejas,
»Ingrato meu cavalleiro,
»Que, má hora, apenas chegas
»Do largo teu captiveiro,
»Já me deixas tão sosinha
»Como quando prisioneiro.»

D. PELAIO.

»Fui cumprir voto solemne,
»Má hora que o voto fiz;

» Fascinaram-me os teus olhos,
» A minha jura desfiz;
» Lá fica a moura na fonte,
» Por ti de novo infeliz. »

NOIVA.

» Ingrato dom cavalleiro,
» Ingrato, que me trahiste;
» Os olhos da moura bella
» Aos meus olhos preferiste;
» Por ella, que não por mim
» Do captiveiro partiste.

» São de zaphira os seus olhos,
» Os cabellos d'ouro fino;
» De san João na alvorada
» O seu gesto peregrino
» Já lhe eu vi assoalhando
» O seu thesouro mofino.

» Ingrato dom cavalleiro,
» Ingrato que me trahiste;
» Os olhos da moura bella
» Aos meus olhos preferiste;
» Por ella, que não por mim
» Do captiveiro partiste.

D. PELAIO.

»Dona ingrata minha noiva,
»Oh! não me julgues assim;
»Só por ti, que não por ella,
»A' patria voltei alfim;
»E por ti meus juramentos
»Falsecei, triste de mim!

»Dona ingrata minha noiva,
»Aqui tens meu galardão;
»Deu-me Ramila na fonte
»Por despreso este cordão;
»Guarda-o tu, já que tu foste
»Causa da minha traição.»

E a zelosa noiva bella
Regeita a fulva cadeia;
Para um robre, juncto á porta,
Desdenhosa se meneia,
E no grosso tronco rudo
O grilhão formoso enleia.

E o grilhão muda-se rapido
Em temerosa serpente,
Que gigante o tronco aperta
Com sua escama fulgente,
'Thé partil-o, e derribál-o
Com estampido fremente.

E de zêlos requeimado
O peito da noiva bella,
D'aquella hora em diante,
Não conheceu mais estrela,
Que perseguir dom Pelaio,
Que triste morre por ella.

E a moura Engracia Ramila
Encantada lá ficou;
Nunca mais leal captivo
Difficil prova tentou;
Nunca mais de amor aos riscos
Tal voto alguem confiou.

E ainda existe hoje a fonte,
Fonte da moura de então,
Que inda o seu ouro assoalha
Nas manhãs de san João.
—Não beba lá quem no peito
Guardar traidor coração.

LIVRO SEGUNDO.

SOLAO I.

A NEGRA FAÇANHA DE SUB-RIPAS.

OU

O INFANTE D. JOÃO.

Sempre amor mais livre peito
Em mores prisões cativa,
E depois de o ter sugeito
Nega-lhe fortuna esquiva
No galardão seu direito.

FERNÃO D'ALVARES DO ORIENTE.

Oh! que bello que foi esse infante loução,
Esse esposo da nobre, da linda viuva!
Em torneios, em justas qual ha campeão
Tão gentil, que assim deite aos contrarios a luva?
E na liça de amores onde ha coração
De tal mansidão?

Os seus olhos venceram a bella Maria,
A despeito de izenta, e de irman de Leonor.
Oh! que doce que foi essa hora, esse dia,
Em que lhe ella acceitou sua mão, seu amor!...
E brotou-lhe tão meiga a leal simpathia,
Com tal galhardia!

Em segredo se amava um e outro esposado,
Entre os paços airosos de Coimbra tão bella.
Oh! mas eis que a rahinha em desejo damnado
Exacerba-se ao ver tão feliz hoje aquella....
A que outrora lhe dera, no tempo dourado,
Conselho sagrado.

O que foi, que lhe disse, ou lhe fez, em Lisboa
A rahinha matreira ao cunhado traidor,
Não se sabe; — nem ouza chronista de prêa
Aventar co'a verdade.—O que é certo é de horror...
O que é certo é que a hora cruenta lá sôa,
E rapida vôa.

Que moço é aquelle, de semblante pallido,
Que airoso trota no veloz ginete?
Aéreo manto sobre o corpo esqualido
Ondeia no vento.

De espaço a espaço o acicate agudo
Com ancia crava do corcel na ilharga;
Do elmo pende-lhe, a bater no escudo,
Negro penacho.

Aos crebros saltos, nas ferradas grevas
Lhe roça a espada com fragor de morte;
D'echos em echos pelas bastas trevas
O som rebôa.

Sob a couraça o coração lhe anceia,
Direito ao muros da formosa Coimbra.
Já cerca, as redeas ao corcel sofreia,
Que pára humilde.

Estreitas ruas da cidade gothica
Eil-o atravessa, a demandar os paços,
Os paços tristes, onde, planta exotica,
Definha a infante.

Trepa, do portico, á spiral sombria;
Da spiral passa para a sala d'honra;
A estreita porta do aposento enfia....
—A esposa dorme;

Dorme no thoro conjugal despida;
Os alvos membros alvo linho cobre;
Um sonho placido, entre morte e vida,
Lhe anima o rosto.

Em pé o infante, face a face ao leito,
É qual da morte macilenta estatua.
Fulge da alampada o clarão desfeito
Na fronte palida.

Mas eil-o accorda do turpor, e estende
A mão de ferro sobre as frageis roupas,
Que ao chão arroja... Oh! que ninguem defende
Á pobre esposa!

Despida, e alva como a neve pura,
Surge do somno espavorida a triste;
Os olhos crava na fatal figura
Do esposo iniquo.

Os olhos crava, — dá-lhe um riso ainda,
Que vai na ponta d'um punhal finar-se.
Foi riso extremo n'essa face linda,
Foi rir da campa.

Lá entre os seios, donde o rir brotára,
O agudo ferro do traidor se embebe.
Em ai de morte quasi o rir trocára...
Tempo não teve.

«Jesus!...» —ainda lhe assomou no aspeito;
«Jesus!...» —morreu-lhe sem chegar ao labio;
«Jesus!...» —lá dentro foi buscar-lho ao peito
Punhal damnado.

Cahio por terra a malfadada, morta,
A revolver-se no vermelho sangue...
O cavaleiro guarda o ferro. A porta
Nos gonzos range.

Eis acodem ás damas, os pagens,
Ao cruento, aziago stridor;
Eis devisam no chão estirada
Essa victima triste d'amor.

»Que é do negro, traidor, assacino?
»Que é do negro vilão, que tal fez?»
Assim bradam; mas calam-se ao ver-lhe
O penacho, a monteira, o arnez.

Gela o susto a palavra nas fauces;
Reina em torno silencio de morte,
Que só rompem os passos de ferro
Do guerreiro, que segue o seu norte.

Do guerreiro, que marcha impassivel,
Que impassivel circunda a spiral,
Que impassivel cavalga o ginete,
Que impassivel dirige o animal.

-※-

»Vai-te feroz cavalleiro,
»Vai-te, vai-te, dom vilão;
»Em terras de Portugal
»Nunca mais comas o pão.

»Despreze-te o alentejano,
»Escarneça-te o beirão;
»E na corte, ao rei Fernando
»Nunca mais beijes a mão.

»Vai-te via de Castella,
»Que são terras de traição;
»Nunca lá socego tenhas,
»Nunca mais consolação.

»Nunca dama, que te veja,
»Possa dar-te a isenção;
»Sempre o solio te regeite,
»Em que falte a successão.

»Teus vaçalos te reneguem,
»E renegue-te a nação;
»Um remorso te acompanhe
»'Thé á morte, dom vilão.

»Sejam fumo as esperanças
»D'esse infame coração;
»Lenta agonia te espere
»Em hora de maldição.»

Tal foi a sina
De perdição,
Que as damas deram
A dom João.

E Deus cumprio lhe
Todo o condão:
— Custou-lhe cara
Negra ambição.

COIMBRA, JUNHO, DE 1849.

SOLAO II.

O CID.

Rey qûe non face justiça
Non debiera de reinàre,
Nin cabalgar en caballo,
Nin con la reina fablare,
Nin comer pan á manteles,
Nin menos armas le armare.

Romancero d'el Cid.

Está sentado em seu throno
O senhor rei de Leão,
Dom Fernando, o poderoso,
O valente capitão,
A fazer justiça aos povos,
C'os maioraes da nação.

Porta dentro, espada á cinta,
Pesado lucto arrastando,
Trinta nobres escudeiros
Cabisbaixos vem entrando;
Vão-se, apoz elles, de damas
Duas alas avistando.

Eis ao cabo a mais formosa,
E tambem a maioral,
Esparsa a negra madeixa
Pelo seio angelical,
Estendendo a mão de neve
Para o diadema real.

A DAMA.

Eu sou orphã, senhor rei,
Orphã tua, e da nação,
Porque de espada na mão
Lhe guardou meu pae a lei.
Que meu pae é morto sei,
Vós o sabeis, negra dor!
—E a cabeça do traidor,
Que sobre elle a mão alçou,
Que no chão morto o deixou....
Essa cabeça, senhor?!

Donna Ximena me chamam,
Filha do conde Souzão,

Cujas memorias em vão
Todos presam, todos amam:
Vingança as cinzas reclamam;
Ninguem ousa de o vingar,
Que o matador foi Bivar,
Foi o Cid aventureiro...
Se foras rei justiceiro,
O Cid havias matar.

Mas és mau rei, meu senhor,
Que apadrinhas um villão,
Que não quer dar-me razão,
A razão da minha dor.
És mau rei, que ao lidador,
Que tem pendão e castello,
Que tem caldeira, e cutello,
Deixas impune viver;
E que a uma fraca mulher
Negas justiça por ello.

EL-REI.

Dom Rodrigo de Bivar,
Esta dama vez aqui,
Filha do conde Souzão,
Orphã por amor de ti.
Por lhe dar sastifação
Cedes-lhe um castello? — «Não.»

«—Em vingança de teu pae,
Mui bom filho, e máu vassalo,
Matáste o conde Souzão;
A mim cumpre resgatál-o,
E dar á filha razão.
Dás-lhe a tua espada?» —«Não.»

«—Rei sou eu, faço justiça;
Tu juráste-me o teu preito.
Se estender a minha mão,
Muito rei me cai subjeito.
Quatro villas, campeão,
A Ximena cedes?» —«Não.»

«—Cinco monarchas na guerra
Tributarios já fizeste;
Todos te deram razão,
Vida a todos concedeste.
E negas satisfação
A tão bella dama?» —«Não.»

O CID.

Rei senhor, não arreceio
Tua senha, e poderio;
Dentro do meu alvedrio
Só eu tenho senhorio.
Alguem, que o negue; matei-o.

Rei, — cobarde não sou eu,
Que ferisse qual vilão;
Cravei ao conde Souzão
Um punhal no coração,
Porque traidor me offendeu.

E que seja rei, ou papa,
Ou de Roma imperador,
Ou de dez mundos senhor,
Saiba eu que o vil é traidor,
D'este ferro não me escapa.

Filha do conde Souzão,
Não te dou castello ingente,
Nem minha espada valente,
Nem uma villa sómente;
Pois não te devo razão.

Mas roubei-te a protecção,
O carinho do pae teu,
E dom Rodrigo sou eu:
Por não ser devedor teu,
De esposo te offerto a mão.

E nas faces da donzella
Despontou meigo rubor...
El-rei, descendo do throno,
Abraçou o campeador:
— «Dou-te mais oito castellos
«Generoso lidador.»

E a mourisma nesse dia,
Durante as bodas reaes,
Sem temer de dom Rodrigo
As correrias fataes,
A vez primeira, d'um jacto,
Dormiu em seus arraiaes.

SOLAO III.

CAIO CARPO,

OU

BRASÃO DE PIMENTEIS.

> Se tuvieras, aldeana,
> La condicion como el talle,
> Fueras reina de tu aldea,
> Tendrias vassallos grandes.
>
> Lope de Vega.

CANTO I.

= Que queres de mim, zagala?
Alda, que fazes ahi?
Alda bella, meus desejos,
Morro por amor de ti.
Sou gentio, e tu christan,
Rei sou eu, tu aldean. =

=Caio Carpo, meu senhor,
Rei da Maia, o lidador,
Tu mandas do Ave ao Leça,
Do Leça ao Douro sem par,
E lá dos montes d'Alfena
Até ás praias do mar.
Manda embora, que rei és,
Mas que esta graça nos dês:

Rei Senhor, faz-te christão
Em dia de San João.=

=E vós ahi, que fazeis,
Povos meus, por essa praia,
A' foz do Leça reunidos,
Desde Mindelo até Gaia?=

=Senhor rei, vamos ao mar
Ver San Thiago passar.
Rei senhor, faz-te christão
Em dia de San João.=

=E vós tambem, a que vindes,
Senhor de Gaia valente,
E vós de Riba-Visela,
E de Bracara excellente?=

=Rei, pisamos teus estados,
A purgar nossos peccados.
Rei irmão, faz-te christão
Em dia de San João.=

❦ ❦ ❦

CANTO II.

E já cerca Matosinhos,
Já cerca as praias do mar,
Vai chegando a cometiva,
Zagais e reis, tudo a par;
Só na frente em seu ginete
Caio Carpo a cavalgar.

Segue-se a linda zagala,
Queda el-rei de quando em quando,
E gentil sorriso brando
Despede, como a chamál-a.

Córa a face da donzella,
C'o sorrir de seu senhor;
E esse encarnado rubor
É menos casto do que ella.

Torna el-rei a procurál-a;
Torna a zagala a córar.
»Alda, tu não me has de amar!»
Diz el-rei quasi a adorál-a.

=Rei senhor, faz-te christão
Em dia de San João.=

-⊱⊰⊱⊰-

E mais ia por diante
Caio Carpo no amor seu,
Quando reis, quando romeiros,
Tudo a um tempo estremeceu;
Que novo, ingente prodigio
Nas ondas resplandeceu.

Vai San Thiago no mar,
San Thiago, o campeão,
Que leva o proprio caixão
Dos ossos seus a enterrar.

Vai ao cabo da Galisa
Ver seu povo tão leal.
Do mar o verde estendal
Como tão sereno pisa!

Mil joelhos se dobraram;
Só Caio Carpo não desce
Do ginete, e se enfurece
Mal as turbas lho bradaram:

»Rei senhor, faz-te christão
»Em dia de San João.»

»Rei senhor, Alda lhe volve,
»Não vês além San João,
»Com seu cordeirinho branco,
»Encostado n'um bordão,
»E seu manto de escarlate,
»E a dizer:—faz-te christão.—?

»Não vês além tão vesinho,
»Lá pelo ceo radiante,
»Essa estrada de diamante,
»De San Thiago caminho,

»Caminho, que emita o sancto
»Pelas agoas a lusir,
»Caminho, que ha de seguir
»Tanto rei, romeiro tanto?

»Não vês os peixes do mar,
»Não vês conchas e vieiras
»Juncto ao caixão prisioneiras,
»O Apostolo a cortejar?

»Rei senhor, faz-te christão
»Em dia de San João.»

-※-

Caio Carpo furioso
Dá de esporas ao ginete,
E co'a espada reluzente
Eis contra o sancto arremette,
Por entre as ondas do mar,
Com rija voz a bradar:

»San Thiago, e San João,
»Não vos teme este leão.»

E lá nas vagas,
Com sanha horrenda,
Jaz quasi extincta
A voz tremenda.

Ergue-se o pego,
Do abysmo ao ceo...
Pobre dom Carpo
Que fado o teu!

CANTO III.

E tres horas são passadas;
Eis as turbas a bradar:
» Que espectro, visão, fantasma
» Lá vem do seio do mar!... »

— Vem a pé o triste rei,
Cruz d'ebano traz na mão;
Vem de conchas revestido,
Brancas barbas thé ao chão;
Quêda-se juncto á donzella,
E diz-lhe tal oração:
» Senhora, eu vi San Thiago,
» Montado n'um tubarão,
» Finas esporas de prata,
» D'ouro nobre morrião.
» Eu falei-lhe; — elle tocou-me
» Co'a ponta do seu bordão.

» E a vez primeira na vida
» Caio Carpo estremeceu;
» Desbotaram minhas barbas,
» O meu corpo envelheceu.
» Oh! vem ser minha, senhora,
» Que já de Christo sou eu. »

—E a donzella, enamorados,
A travez do raro véo,
Olhos deita, que renderam
A mil, como esse rendeu....
Eil-a rainha em seus braços,
Que são decretos do ceo.

-❧-

E já dez seculos calcam
De Carpo a lapide, em vão;
Que inda as conchas lá figuram
De seus netos no brasão,
De branca tarja cingidas
Com as cruzes do Christão.
E cada anno mil romeiros,
Em dia de San João,
Do Leça á beira celebram
O milagre e devoção....
—Oh! renegue a historia os feitos,
Que mais vale a tradição.

QUINTA DO PAIÇO, JUNHO DE 1847.

SOLAO IV.

A LAPA DOS ESTEIOS.

Pois minha triste ventura,
Pois meu mal não faz mudança;
Quem me vir ter esperança,
Cuide que é de mais tristura.

CANCIONEIRO DE RESENDE.

Rico de nobre atavio,
Outrora no alto do monte
Um castello campeava
Por esse largo orisonte.
Orphanzinha a castelan
De seu pai dom Ferramonte,
De carpir, chorar por elle,
Nos olhos tinha uma fonte.

E do tumulo defronte
Pela cinza paternal
Deu nas ancias do transporte
Um juramento fatal:
Prometteu morrer donzella,
E ser á jura leal,
Nunca amar, quem quer que fosse,
Ou cavalleiro, ou zagal.

E no rosto angelical
Tal belleza fulgurava,
Que, má sina, quem a via,
Quem a via logo a amava.
Este de pena morria,
De raiva aquelle finava;
Isenta sempre a donzella
Rendimentos despresava.

Dona Laida se chamava
A castelan sem amor.
Triste vida, que vivia,
Triste vida sem sabor!
Consolava-se dizendo:
Ao menos vivo sem dor.
—'Thé que bate ás ferreas portas
Cavalleiro trovador.

»Não entres, nobre senhor,
»Não vejas o rosto meu;
»Quem me vio idolatrou-me,
»Quem me idolatrou morreu.
»Meu amor não posso dar-te,
»Meu amor, jurei-o ao ceo.»
Assim disse; e o rosto lindo
Occultou em negro véo.

E logo transpareceu,
Ao olhar o cavalleiro,
Pelo rosto da donzella
O signal do captiveiro.
Os corações se entenderam
N'aquelle encontro primeiro;
Os seus olhos se fallaram
N'um relance derradeiro.

Um dia d'esse parceiro,
Fôra o da jura cruel;
E ora ao cabo de tres annos
Foi á promessa infiel.
Oh! que choro n'essas faces!
Oh! n'esse peito que fel!
Dona Laida venda os olhos
E abandona o seu castel.

E com palavras de mel
O trovador a seguia,
Na pista dos seus encantos
Caminhando noite, e dia;
Aqui lhe deixa um suspiro,
Ali solta uma armonia;
Sempre após ella no bosque,
No vergel, na penedia.

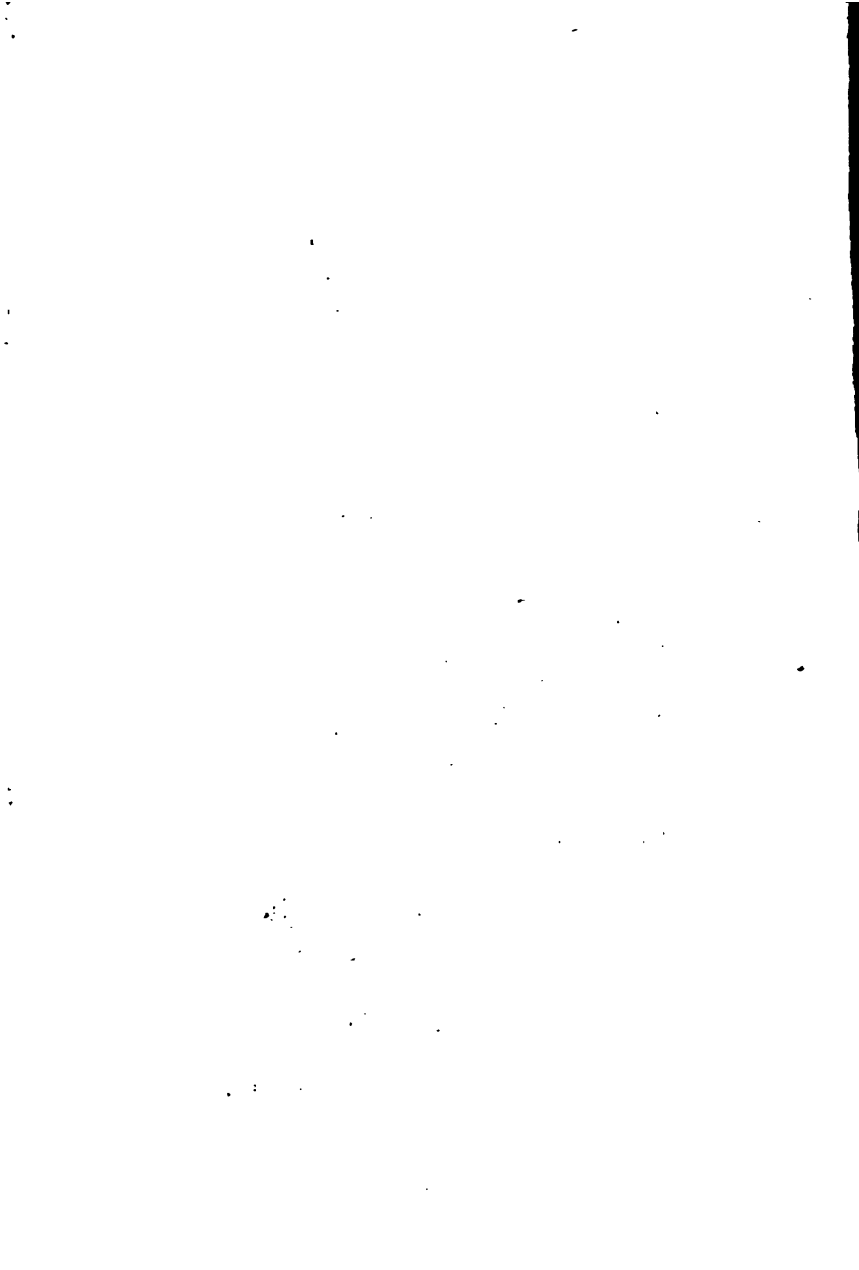
Topa a dama alfim um dia
Com gentil gruta formosa,
Toda vestida de musgo,
Coberta d'hera viçosa,
Recamada, perfumada,
De jasmim, de myrto, e rosa,
A' sombra de verdes freixos,
A' sombra tão amorosa.

Banham-lhe a planta mimosa
Serenas ondas do rio,
Imprimindo-lhe mil beijos
Com suave murmurio.
È a gruta solitaria,
O sitio doce, e sombrío.
—Quer fugir: ondas o vedam;
Correm lagrimas em fio.

Se consulta o alvedrio,
O alvedrio! diz-lhe — amor;
— Amor — lhe dizem as aves,
O Mondego, a penha, a flor;
— Amor — lhe diz assentado
A seus pés o trovador....
— Dona Laida tira a venda:
«Oh! sou vossa, meu senhor.»

O moço cheio de ardor
Namorado estende a mão...
— Abraçou rijo penedo,
Que a gentil donzella em vão.
Tambem a misera, quando
O chegava ao coração,
Cingia o tronco lascado
D'um freixo, que d'elle não.

E transformados lá jazem
Os dous mancebos reaes
Sobre a Lapa dos Esteios
A amar-se, a ver-se,.. e não mais.
— Oh! quem entrar nesta gruta
Não faça juras fatais:
Aqui 'thé os freixos amam,
Athé as penhas dão ais.

COIMBRA, 1845.

SOLAO V.

O ROMEIRO.

> Mis ojos sean malditos
> Que su hermosura miráran,
> Que a no mirarl-a ellos
> Todo este mal se escusaba.
>
> SEPULVEDA. ROM. D'ELREI RODR.

Bate ás portas do castello
» Com seu forrado chapim,
» Dona condeça, um romeiro,
» Dos que tangem bandolim.
» Mandais dar-lhe entrada?» — «Sim.»

—» Haja saráo, venham damas,
» Diz o conde, quero dar
» A' minha linda esposada
» Refestêlo de folgar.
» — Romeiro, sabes cantar?»

—Vem donzeis, e ricas-donas,
Todos prestam attenção;
Traz um pagem ante os noivos
O romeiro pela mão.
«—Dom jogral, que é da canção?»

Nada responde o romeiro;
Reina silencio fatal...
Em pé lhe grita, enfadado,
Face a face o maioral:
«Tu morreste, dom jogral!»

—«Qual de nós!...»—suspiro agudo
Eis retumba no salão....
É um punhal, que do conde
Atravessa o coração....
Eil-o estirado no chão.

—«Qual de nós!...» Sobre o cadaver
Volve á condeça o jogral;
Porem contra aquelle seio
Não tem forças o punhal;
—Teve-as só contra o rival.

Venha pregão, e baraço
A vingar o gran senhor.
De pés e mãos lá vai preso
Impassivel trovador....
—Elle já morreu... d'amor.

1849.

SOLAO VI.

DONA LUCINDA MONIZ,

OU

A EMPAREDADA DE PENACOVA.

Da lindesa vossa,
Dama quem a vê,
Impossivel é
Que guardar-se possa.

CAMÕES.

CANTO I.

Formoso neto do Agar,
Castelão miramolim,
Assentado nas ameias
Do seu nobre Gondelim,
Descantava uma toada
No saudoso bandelim.

Bandolim, leva-lhe as queixas
Do tão triste seu amor,
Leva-lhe os ais, e os suspiros,
As amarguras, e a dor,
Leva-lhe a endeixa sentida
Do mancebo trovador.

Trovador, e cavalleiro,
Nunca em trova, nunca em lança
Houve segundo, que ousasse
De disputar-lhe pujança,
Trovador, e cavalleiro
Por valor, e por herança.

Herança teve o guerreiro
Mui dificil, e arriscada;
Que circunda o seu castello
Gente imiga, e baptisada,
Gondelim, ultima pedra
Da Mauritania domada.

Domada foi Coimbra bella
Com o herculeo torreão,
Domada Louzaã real;
E nas veigas de Lorvão
Monges negros açanhados
De lança em riste lá 'stão.

Estão mais perto, e de riba
As gentis cavallarias
De Penacova, a soberba,
Com as suas galhardias,
Avassalando o Mondego
Sobre negras penedias.

«Penedias de minha alma!»
Murmurava o triste mouro,
»Lá por baixo d'essas rochas
»Escondeis o meu thesouro,
»Dona Lucinda Moniz,
»De formosas tranças d'ouro.»

D'ouro então nas cordas bellas
Dedilhava o bandolim,
Assomava-se á varanda
Do seu nobre Gondelim,
Deslizava-lhe uma lagrima,
E cantava o triste assim:

»Dona Luzinda Moniz,
»Flor dos muros do christão,
»Vem ser moura nos meus braços,
»Anjo do meu coração;

»Allah! por tua isempção,
»Allah! por teus olhos bellos,
»Allah! por teu seio niveo,
»Por teus dourados cabellos;

»Escuta os meigos anhelos
»Do rei mouro apaixonado,
»A teus fagueiros encantos,
»Docemente avassalado;

»Que já no peito alquebrado
»Suspiro extremo de amor
»Exhalou por te render
»O monarcha trovador.

»Deixa os cilicios da dor,
»Do Propheta abraça a lei,
»Vem ser moura nos meus braços,
»E rahinha do teu rei.

»Vaidoso te roubarei,
»No Alborah do Mafamede;
»Irei depor-te, rahinha,
»De meus estados na séde;

»Nom que o Propheta mo véde
»Leixarei de te adorar.
»Formosa filha de Christo,
»Emparedada sem par:

»Venceste o neto de Agar,
»Quebraste-me a isempção;
»Vem ser moura nos meus braços,
»Anjo do meu coração.

CANTO II.

»A'lerta, álerta, nosso amo,
»Temos christãos pela prôa,
»Muita grita, muito alardo
»Lá das partes de Lisboa;
»De viroles, e de lanças
»Todo o valle se povôa.

»Trazem na frente das alas
»Desenrolado um pendão,
»Que diz: = Pela emparedada,
»Nobre filha do Christão. =»

Ergue-se o rei, toma a lança,
E diz: « Por ella! isso não. »

E cahiu sobre os de Christo
Com tão rígidas bravuras,
Que cada bote de lança
Falsava dez armaduras.
« Quero pela emparedada
» Abrir trinta sepulturas. »

E abriu trinta, e trinta, e cento,
E da lança c'o bastão
Acenou para os vencidos,
Firmou o conto no chão,
E disse: « d'ella, e por ella
« Só este meu coração. »

E trepou pela assomada
D'alta montanha fronteira,
E entrou, incolume, as portas
De Penacova guerreira,
E trouxe a emparedada
Sobre os hombros prisioneira.

Tocou de ferro os varões,
Os varões se desfizeram;
Topou rochas desmedidas,
As rochas despareceram;

Passou por hostes indómitos,
Os hostes ala fizeram.

E levantou-a do alcaçar
No mais erguido balcão,
E depô-la sobre um throno,
Rendeu-lhe o sceptro no chão:
«Vem ser moura nos meus braços,
»Anjo do meu coração.»

❋ ❋ ❋

CANTO III.

»Dona Lucinda Moniz
»Já morreu:
»Esse nome tão do mundo
»Feneceu.

»Podia ser d'alto alcaçar
»Castelan;
»Quiz antes emparedar-me,
»Mui christan.

» O meu vestido grosseiro
» De estamanha
» Vence o brilho desta purpura
» Tamanha.

» Senhor rei, quedai-vos mouro,
» Se quereis,
» Que jámais a emparedada
» Moura reis. »

E el-rei mouro ouviu-a quedo,
Ouviu-a quedo e sombrio,
E de si lançou em torno
Um olhar de poderio.

E orgulhoso descubriu-se;
E no turbante luzente
Poisou o gume do alfange
Sobre o dourado crescente;

E disse assim: « Desprezáste
» Minha corôa real;
» E se eu for christão comtigo,
» Inda aguardarás por al? »

Eis sorriu-se a emparedada;
E foi sorrir de condão,
Que fez saltar o crescente
Degolado pelo chão.

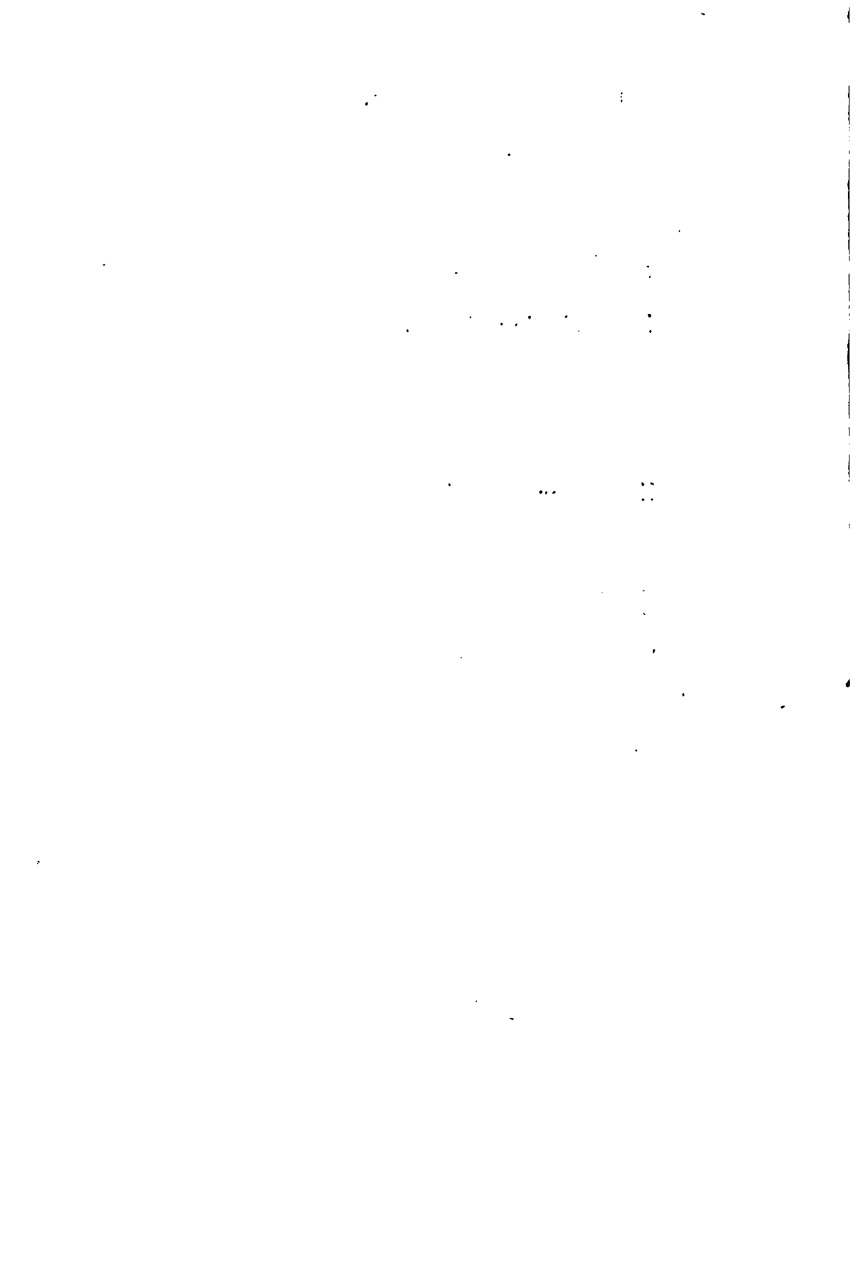
E no seio de alabastro
A bella christan trazia
Um rosario, e uma cruz
Com o nome de Maria;

E assomou-se no balcão
E aos guerreiros o mostrou;
E toda a turba descrente
De joelhos se curvou:

E depois, mui amorosa,
Disse ao nobre castelão:
«Vem desmourar-te em meus braços,
» Anjo do meu coração.»

-※-※-

E baptizou-se dest'arte
Todo o infiel Gondelim.
—Quantos christãos, quantos mouros
Fazem uns olhos assim!

COIMBRA, 1842.

SOLAO VII.

O CORUJÃO DO BUSSACO.

Sempre me a fortuna deu
Tristesas com que não posso.

CANCIONEIRO DE RESENDE.

— Onde vais, ó cavalleiro,
Com lança, malha, e broquel,
Alvas plumas, elmo d'ouro,
Montado em leve corcel?

= Fui á guerra á Palestina,
Andei cinco annos por lá,
Meu bem quedou no deserto,
De soidades morro já.

Altos robres, verdes louros
São da serra habitadores;
Ali passou annos cinco,
Do Bussaco entre os verdores.

A' sombra das aveloiras
Hei de sentar-me com ella:
O' soidão! diremos ambos,
Quem jámais te vio tão bella!

Meus soidosos annos cinco,
Déra eem por este dia;
Vou-me ver os meus amores
Na apicada penedia. =

-※-

Veio à serra o cavalleiro,
E a senha deu na busina;
Eis sente passos ao perto
Por entre a verde colina.

Abre os braços, e de subito
Ao seio um vulto apertou.
Torna a abril-os, . . . e de espanto
Enfiado recuou.

Pardo burel 'thé ao chão
Cobre o corpo, que abraçára;
Longa tira de estamanha
Testa esconde, e seio, e cara.

Com a romba haste da lança
Ergue-lhe o vasto capuz;
Um seco rosto mirrado
Por debaixo lhe transluz.

=Larva, que é da minha bella?=
=A tua bella sou eu;
A ti, não pude gosar-te,
Ando a ver se ganho o ceo.

Deus tão placida floresta
Não creou para ternuras;
Amores de cinco annos
Mirram-se n'estas alturas.=

—Cai por terra o cavalleiro:
Mas de subito se ergueu;
Profana mão desesp'rada
Para a virgem estendeu....

Punia-o Deus; e mudou-lhe
Em azas negras os braços,
O rosto em bico medonho,
Em pennas os membros lassos.

-⁂-⁂-

Quatro seculos depois
O burel na selva entrou,
E da virgem a caveira
D'uma cruz aos pés achou.

E inda lá terrivel brada,
Atroando a solidão,
O profano cavalleiro
Feito negro corujão.

SANTA CRUZ DO BUSSACO. 1838

SOLAO VIII.

O GRÃO BEIRÃO

OU

AS BODAS DE VIRIATO.

Si la dormiré esta noche
Desarmado y sin pavor
Que siete anos habia,, siete
Que no me desarmo, no?

ROMANCE ANTIGO.

CANTO I.

Arrayal, e arrayal
Pelo grão triumphador!
Arrayal, e arrayal
Pelo soldado pastor,
Que afrontou a catadura
Do Romano vencedor!

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

Desfasei-vos em torrentes
Do Herminio picos nevados;
Pelas do Alva cristalinas
Ondas vinde misturados,
Em torno aos muros d'Aufragia
Escutar da festa os brados:

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

Louçanias lá se enchergam
Na casa do maioral;
Está Crisalva á janella,
Trage de noiva real,
Crisalva, a linda entre as lindas,
E filha do principal.

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

O' moças do Alva mimosas,
Que não sões nada ao pé d'ella
Louçãa rahinha da Beira,
Estrella casta da *Estrella*,
E flor de Aufragia valente,
E mais gentil que a mais bella

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

Alva tez, e negra trança,
Olhos pretos porfiosos,
Curta planta delicada,
Seios altos, e mimosos.
— Quem lograr a rica perola
Vai na conta dos ditosos.

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

De Marte o grão sacerdote
Já tem a lenha no altar;
Nobre coro de Beirôas
Vem a boda celebrar,
Despem surrões os do Herminio,
E trajam galas sem par.

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

De guerra os saios vermelhos
No lar os moços deixaram,
Por negros mantos de paz
Grevas da morte trocaram,
E olhos na porta collimbrica
Esta canção entoaram:

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão!

» Arrayal, e arrayal
» Pelo grão triumphador!
» Arrayal, e arrayal
» Pelo soldado pastor,
» Que afrontou a catadura
» Do Romano vencedor.

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão!»

CANTO II.

Fazem cortes em Collimbria
Os espanos generaes,
Do velho templo fenicio
Sob as arcadas reaes.

Vem Celtiberos, e Turdulos,
E Pesures, e Vetões,
E os Lusitanos valentes,
E mil povos de leões.

E junto á estatua gigante
D'Hercules o fundador,
Mais gigante do que Alcides
Assoma o grão lidador.

Todos co'a ponta da espada
Tocam o ferreo broquel,
Taes roucas vozes soltando
Do labio rude, e fiel:

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão! »

E o capitão, enrugando
A sobrancelha fatal,
Disse: — « em quanto vir Romanos
» Não ouço aqui arrayal!

» Hostes caiam mil, e mil,
» E haja afronta a Roma vil! »

E o grão Turdulo, Ballaro,
Neto de outro, que seguiu
O Carthaginez valente,
Que do Lacio as portas vio,

Disse assim: — «forte Viriato,
» Vamos o hoste guerrear;
» Mas deixemos quem nos vingue
» No seio do nosso lar.

» O sangue do nosso sangue
» Creou-se aos brados da gloria,
» Ha de o sangue do teu sangue
» Ser talisman de victoria.

» Damos-te noiva formosa,
» Nobre neta dos Caldeus,
» E filha de Vandermilo,
» O mais illustre dos teus;

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão!»

E o capitão, levantando
Rijo brado imperial,
Disse: « — em quanto vir Romanos
» Não ouço aqui arrayal!

» Hostes caiam mil, e mil,
» E haja affronta a Roma vil.»

E o velho Lysias prudente
Disse assim: «rei capitão,
» Vai cravar a lusa espada
» De Roma no coração;

» Mas deixa em terra de patria
» Um filho do sangue teu;
» E aceita a noiva tão bella,
» Que por nós te offerta o ceo;

» Crisalva um só a merece,
» Alto guerreiro sem par;
» Cortadas mãos de inimigos
» Quem mais lhe pode offertar?!»

— » Queremos-te noivo, e pae.»
Os chefes todos bradaram;
E estas vozes sublimadas
Pelas naves retumbaram:

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão!»

E o capitão furibundo
Com rude voz sepulchral
Disse: «em quanto vir Romanos
» Não ouço aqui arrayal!

»Hostes caiam mil, e mil,
«E haja afronta a Roma vil.»

-⁂-

E tres vezes sacudindo
O vermelho morrião,
Enfia subito a nave,
Espada erguida na mão;

E veloz sobre o ginete
D'um só pulo se arremeça,
E dá de esporas; — e aos chefes
Estas vozes enderessa:

»Convido-vos para a boda,
»Senhores meus generaes,
»A' manhãa, ao romper d'alva,
»De Pompeu sobre os reaes.»

— Armai-vos chefes em guerra,
E os reaes ide investir,
Que não usa Viriato
O que disse repetir.

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

E o capitão, suspendendo
Subito o bravo animal,
Disse: « em quanto vir Rom
» Não ouço aqui arrayal. »

» Hostes caiam mil, e mil,
» E haja afronta a Roma vil

CANTO III.

Aufragia galas tomou,
Aufragia, a praça valente,
A quem o chefe excellente
Primeiro os ferros quebrou.
Bandeira, que se arvorou
No Colcorinho gigante,
N'estes muros, triumphant
Colheu premicias da gloria
De Viriato, e da victoria
Padrão eterno, e brilhante.

Aufragia, louro primeir
Da c'róa do vencedor,

Primeira rosa de amor
Tambem offerta ao guerreiro.
Dá-lhe o sorriso fagueiro
Da enamorada Crisalva,
Dá-lhe a princeza do Alva,
A lusitana gentil,
Que despreza noivos mil
Por quem dos ferros a salva.

No seio casto da bella
Doce ajunta o coração
Memorias do campeão,
Saudades da patria Estrella;
Vem as Beiroas com ella,
A inveja impressa no rosto;
E o pae chorando de gosto,
E os mancebos com folias,
E atabales, e armonias,
E tudo em festa disposto.

Grão bailo se ha de dançar,
Ha de tres noutes durar;
Gran seia se ha de servir,
Dez vezes nova ha de vir;
Gran pompa se ha de fazer,
Hão de cem rezes morrer:

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

-:-

Praça ao nobre Viriato,
Praça ao valente beirão,
Praça ao terror dos Romanos,
Lusitana defensão,
Em pé mancebos, e damas;
Um brinde ao gran capitão!

Eis Viriato, que enfia
Pela porta principal,
Trotando em baio ginete
Para o cortejo real.
Eil-o, que pára, e saudando
Levemente o maioral,

Trava a noiva pelo braço,
Ergue-a subito do chão,
Cingea-a peito contra peito,
Assenta-a sobre o arção,
Da de esporas ao ginete,
E parte como um leão.

«Arrayal!» bradaram todos;
O arrayal! já não ouvio.

Espantados se contemplam;
Tambem o espanto não vio.
Já vai longe, e desparece
Como um raio, que lusio.

Tristes das moças da festa,
Que nem um bailo dançaram.
Tristes dos nobres mancebos,
Que o noivo nem cortejaram.
Tristes dos paes da donzella,
Que nem a filha abraçaram.

E a linda moça
Pelo caminho
Fez ao guerreiro
Terno carinho.

Com graça as fitas
Do elmo atava,
E o manto aos hombros
Lhe conchegava.

E a nivea mão
Com tacto brando
As crespas barbas
Ia afagando.

⁂ ⁂ ⁂

CANTO IV.

Junto aos reaes do Romano
Na tenda a esposa deixou;
E o mesmo braço, que ha pouco
O doce peso levou,
Agora solto, e ligeiro
Valente espada empunhou.

A'vante nobre Beirão!
A'vante gran campeão!

E nas tormas aliadas,
General dos generaes,
Abriu vereda de sangue
De Pompeu pelos reaes,
O primeiro entre os primeiros
Dos lusitanos leaes.

A'vante nobre Beirão!
A'vante gran campeão!

E lide tão batalhada,
Jámais na patria se vio.
A cada talho de espada
D'um corpo uma alma saíu;
A cada bote de lança
Trinta Romanos ferio.

A'vante nobre Beirão!
A'vante gran campeão!

-※-

Deixa o consul os reaes,
Foje o Romano assombrado,
E o lusitano soldado
Rico despojo colheu,
Que todo á linda Crisalva
Mui rendido offereceu.

»Trago-te as mãos decepadas
»De tresentos do Romano;
»Pode o brio lusitano
»De Viriato vencedor
»Ora sem pejo imprimir-te
»O terno beijo de amor.»

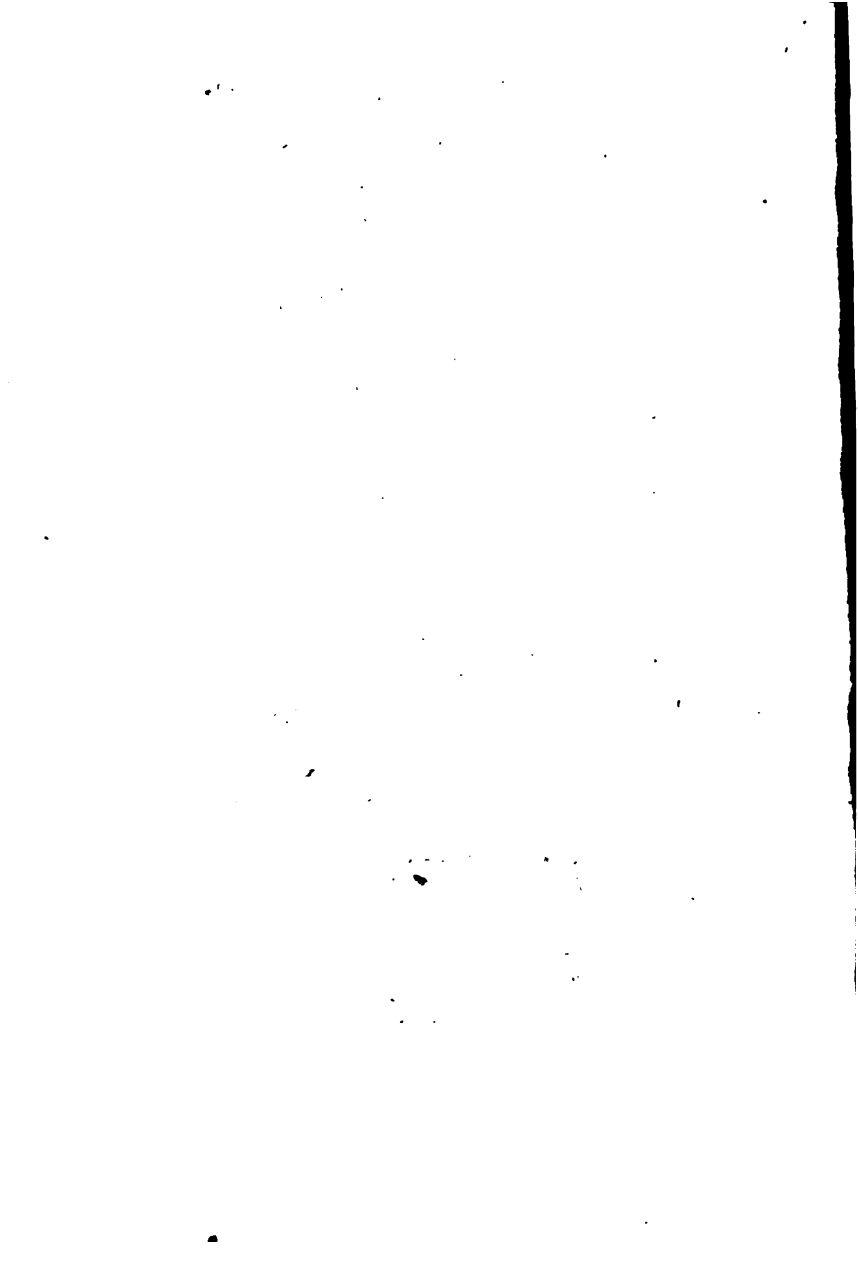
E os crespos negros bigodes
Cheios de sangue, e poeira
Na face tenra, e fagueira
Da linda esposa roçou;
—E de novo a quente espada
Co'a rija mão empunhou.

-※-

Batalhas sobre batalhas
O seu nome sublimaram;
Mimos nunca avassallaram
O lusitano Beirão,
Que na guerra tem mil folegos,
Na paz um só coração.

Deu a amor só tres instantes,
Deu á patria a vida inteira,
A alma déra prisioneira
Em favor da herminea terra.
— Sejam donzeis para amores,
Guerreiros são para a guerra.

Arrayal pelo Beirão!
Lusitano capitão!

COIMBRA, 1840.

SOLAO IX.

A TORRE D'HERCULES,

> No hay seguridad humana
> Sin contradiccion divina.
>
> ROMANCE ANTIGO.

I.

Debruçadas sobre a fonte
Cinco donzellas estão,
A ver da linfa no espelho
Sua mimosa feição,
Isentas por naturesa,
E duras do coração.

Quem lhes um sim arrancára,
Quem seus peitos abrandara!

Os moços das cercanias
Desenganados estão,
Que não ha pelo Mondego
Quem vença tal isenção;
Peitos das cinco donzellas-
Peitos de marmore são.

Quem lhes um sim arrancára,
Quem seus peitos abrandara!

Muito orgulhosas de si
Mirando os rostos estão,
E juraram não erguer
Jámais os olhos do chão,
Em quanto um homem, um nume,
Lhes não rendesse a isenção.

Quem lhes um sim arrancára,
Quem seus peitos abrandara!

II.

Que vindes cá procurar,
Por longes terras vagando,
Forte Alcides?

D'aqui ávante é mar largo,
D'aqui ávante ninguem;
Para onde ides?

Já com marmoreas columnas
Termos do mundo marcastes
N'alta serra;
Deixai os lares do Luso,
Quiçá os fados vos prendam
N'essa terra.

Quando o Mondego passardes,
Passai c'os olhos vendados,
Não olheis;
Que, se olhardes, sobre o monte,
Lá no extremo da campina,
Quedareis.

Do coruto da montanha
Mana fresca, limpa fonte;
Não bebais:
Que de sede, se beberdes,
E de mal, que não tem cura,
Estalais.

III.

Foi á fonte o bemfadado,
Foi á fonte, e lá bebeu,
Melhor que a linfa tão pura,
Ternos afagos do ceo
D'aquellas cinco donzéllas,
Que sua graça rendeu.

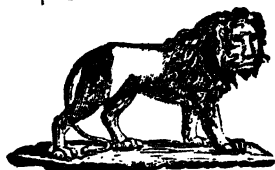
Deu á primeira os seus louros,
A' segunda o seu brasão,
A' terceira a maça ingente,
A' quarta a pel' do Leão,
A' quinta a aljava frecheira,
E a todas o coração.

E circundou a montanha
De muralha valorosa,
E alevantou sobre a fonte
Nobre torre magestosa
De cinco faces, em honra
D'aquella prêa formosa.

E infinda serie
De annos passou;
E pó a torre,
A agua seccou.

Resta nos muros
Viçosa ainda,
De cem donzellas
Choreia linda;

Que, se outro Alcides
Por 'hi passara,
Preso d'amores
Tambem ficára.

COIMBRA, 1840.

SOLAO X.

A ESPADA DO TROVADOR.

Palida, palida
Divien là faccia
Che la minaccía
Spira pur anco.
La destra il misero
Si preme al fianco.
Vacilla e muor.

GROSSI.

CANTO I.

Tinha o rico homem dous pages,
Dom Egas, dom Alarcão;
O primeiro é dado ás musas,
Do segundo as armas são;
Doces trovas de dom Egas
Valem a espada do irmão.

Tem dom Egas negros olhos,
Negros mais do que a tristesa,
Que lhe traz a alma cativa
Por amor d'uma bellesa;
Tem nobre garbo seu corpo,
O seu trajar singelesa.

Sobre os livros d'essas eras,
Que não são livros d'agora,
Consumira o nobre moço
Todo o seu viço d'outr'ora;
Em vez da lança e ginete,
Um bom codice o namora.

Dom Alarcão tambem ama,
Porem não ama em segredo;
Proclama o nome da bella
No torneio, firme e quedo;
Seu olhar severo e forte,
Ruivos bigodes põem medo.

E que peito alvo de dama
Não ha de amar o guerreiro,
Que trouxe da Palestina
A Bajacet prisioneiro,
Que na estacada, ou no campo
É o mais gentil, o primeiro?

❦ ❦ ❦

CANTO II.

» Amas-me tu, Alda bella?
» Amas-me tu, ó donzella?
» Amas-me tu, que sou teu?»
Tal dom Egas escrevia;
E almo pejo lhe tingia
A face de rubro véu.

» Alda bella, meus encantos,
» Meu pensamento, meus prantos,
» Minha sina, meu amor,
» Dissipa a minha tristesa,
» Premeia a minha firmesa,
» Diz que sim ao trovador.

» Eu não vou por ti á liça
» Metter a espada inteiriça
» D'um rival no coração;
» Mas posso, ó anjo, cantar-te,
» Posso na lira mostrar-te
» O que vale uma paixão.

» Pobre escolar sem adaga,
» Meus bigodes não afaga
» Manopla d'aço lusente;
» Mas com penna de marfim
» Minha dextra escrevo assim
» No pergaminho inda quente;

» No pergaminho ditoso,
» No mensageiro amoroso,
» Que meu peito envia a medo...
» — Lê, ó anjo, com piedade;
» Quebráste-me a liberdade,
» Não desfolhes meu segredo. »

❦ ❦ ❦

CANTO III.

Lê a dama essa mensage,
Que lhe manda o trovador;
E na volta da romage
Eis outra carta d'amor:
» — Acceitas, ó bella,
» Meu nome e valor?

» Eu não sei trovar d'amores,
» Mas sei d'amores luctar,
» Vencer tresentos escudos,
» Vir-tos aos pés offertar.
» Tu mandas-me, ó bella,
» Dez lanças quebrar?

»Manda-me, ó bella, que eu parto,
»Denodado campeão,
»Por teu sorriso celeste,
»Matar o proprio sultão.
»Oh! dá-me, na volta,
»O teu coração.

»Nunca ninguem amou tanto,
»Ninguem tanto batalhou;
»Oh! recebe o pouco sangue,
»Que nas veias me ficou;
»Que é sangue d'um bravo,
»Que tanto te amou.»

❦ ❦ ❦

CANTO IV.

=Pae senhor, n'esta lucta que deve,
Deus do ceo! a donzella fazer?
A minha alma, senhor, não se atreve,
Tão medrosa, um dos dous a escolher.

Tem dom Egos amor de poeta
Enrolado no bom coração;
Entre mil foi minha alma selecta
No sentir do valente Alarcão.

Tem aquelle doçuras, que matam,
Este nome e tropheus, que enamoram;
Tem aquelle canções, que arrebatam,
Este feitos, que as faces descoram.

Páo senhor, n'esta lucta que deve,
Deus do ceo! a donzella fazer?
A minha alma, senhor, não se atreve,
Tão medroza, um dos dous a escolher.—

❦ ❦ ❦

CANTO V.

» Quem falla aqui em dom Egas,
» No mesquinho trovador,
» Que não calça o duro guante,
» Cujo braço é sem valor!?...
» Dom Alarcão, filha minha,
» É teu esposo e senhor.

» Venham clarins, e atabales,
» Venham pages, e escudeiros,
» Arme-se rija estacada,
» Convoquem-se os cavalleiros;
» Venha Alarcão em torneio
» Vencer por ella os guerreiros.»

Assim dice o castelão.
Para as juxtas tudo é preste...
Triumpha dom Alarcão....
Alda, ó Alda, que fizeste!
Sem ouvir o bom dom Egas,
Dás-lhe c'rôa de cypreste!

Alda, não vês que o matáste,
Que matáste o trovador,
Só por não calçar espora,
Só por não ser lidador?
—Eis os arautos, que aclamam
Dom Alarcão vencedor.

»Alda, diz o castellão,
»Aqui tens teu desposado;
»Este sim; vale-lhe um pello
»Todo o corpo requebrado
»Do trovador atrevido,
»Que ouzou ser teu namorado.

»Este sim.» —E a mão tremente
Da donzella vai buscar...
—Eis retumba pela arena
Rija voz, rijo bradar:
»Suspendei, por Deus, em juxta
»Eu venho o noivo matar.»

Negras armas, praça dentro,
Eis o novo campeão;
D'elle são aquellas vozes:
»Suspendei, por Deus....» — «Traição!»
Já montado, e lança em punho,
Responde dom Alarcão.

Trava-se rija peleja,
Fatal duello de morte.
Paira o anjo das batalhas
Entre os dous, qual o mais forte..
—Eis triumpha... quem?... O negro
Teve Alarcão ruim sorte.

Jorra o sangue em borbotões
Do largo peito mal f'rido;
E o castellão se endereça
Ao campeão destemido:
»Alda ganhaste c'o a 'spada;
»Diz teu nome, — és escolhido.»

❦ ❦ ❦

CANTO VI.

»O meu nome!...» voz profunda
Melancolica retumba
Lá de dentro da viseira;
»O meu nome... é um segredo..:
»Venceu a espada sem medo;
»Alda levo prisioneira.»

N'isto a dextra estende á bella,
Aperta-lhe a mão singela,
Une-a bem ao coração,
Diz-lhe ao ouvido: —«Senhora,
»Tu só foste a vencedora,
»Porque a minha espada não.

»Alda bella, meus encantos,
»Meu pensamento, meus prantos,
»Que não nos ouça ninguem:
»—Eu sou dom Egas,... ouviste?
»Meu amor não prescentiste
»Na rija adaga d'alem?

»Eu sou dom Egas; e a adaga,
»A couraça, o guante, a clava,
»Não mais os quero trajar.
»Sou trovador, combati
»Uma só vez, e por ti...
»—Mais não quero batalhar.

»Nunca mais.—Queres-me assim?»
—Eis os labios de carmim
Lhe imprime a bella na mão.
E o trovador, arrojando
Elmo, espada e cota;—ao bando
Falla com voz de trovão:

»Não venceu a minha espada,
»Pois 'hi a tendes quebrada;
»E Alda bella quer-me assim.
»Quem venceu foi meu amor,
»Foi dom Egas trovador,
»Que batalhou Deus por mim.»

—Córa a face ao castellão;
»Real!» brada a multidão;
Chora a donzella d'amor.

-※※-

Pensam poetas d'est'arte...
Como amam póde mostrar-te
A espada do trovador.

GOUVEIA, ABRIL DE 1848.

SOLAO XI.

A CAPTIVA DE BURGOS.

> Guay de aquel hombre que mira
> Vuestro gesto triste ó ledo.
>
> JUAN DE MENA.

— Onde-me levas captiva,
Dom Arnaldo, castellão,
Velho caminho de Burgos,
Caminho de perdição? —
— Levo-te aia para os paços,
Nobres paços de infanção. —

=Dom Arnaldo, cavalleiro,
Não sou dama para tal;
Sou de Guadix a princesa,
Não tenho no mundo egual.=
=Vem ser condeça de Burgos;
Burgos toda a Hespanha val.=

=Guarda, senhor, teu condado,
Condeça não quero ser;
Eu sou filha de rei mouro
Tanto não posso descer.=
=E se eu de Burgos rei fora,
Meu nome quizeras ter?=

=Rei não és, dom cavalleiro;
E que rei foras,—em vão,
Que Zulema não se troca
Pelo throno do christão.=
=Mas obedece ao monarcha
De castella, e de Leão.

Eu sou esse rei, senhora,
A quem todos chamam cru;
É ferro minha vontade,
Rija, como alfange nu;
Amar-te quero, e gozar-te;
Minha dama serás tu.=

N'isto c'o braço nervado
Cinge o collo da donzella,
Que portende em vão furtar-se
Ao arção da esguia sella.
E lá vão a rijo trote
Pelos prainos de castella.

-❧❧-

»Viste aqui, Zagal amigo,
»Um barbudo cavalleiro,
»A correr, via de Burgos,
»C'um formoso prisioneiro,
»Viste? dise.»—Assim bradava
Cid Ismael, o guerreiro.

E já nem resposta aguarda,
Porque ao longe relusio,
Entre nuvem de poeira,
Véo de prata, que elle vio.
Ao ginete açouta as ancas,
E, qual raio, se sumio.

—É solitaria a charneca,
Urses bravas, e areal;
Não ha alli soccorro humano,
O combate foi leal.
Braço a braço, eil-os investem,
Ismael e seu rival.

E do quente alfange aos golpes,
Aos talhos da fina espada,
Retumbam valles e montes
Desde Burgos a Granada,
'Thé que os dous jazem na terra
De vermelho espadanada.

E do peito d'um e d'outro
Jorra o sangue em borbotão,
Que no véo de prata ao mouro
A princesa estanca em vão.
—No deserto eil-a viuva
De Ismael, mais do christão.

—E já seculos correram
Sobre o feito singular;
Nem uma lapide ergueram
Aos dous guerreiros sem par.
Só, alta noute, lá se ouve
A donzella a suspirar.

QUINTA DO PAIÇO, NOVEMBRO DE 1846.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDEX.

Paginas.

LIVRO I.

LIVRO II.

ERRATAS IMPORTANTES.

Paginas	*Erros*	*Emendas*
16	1846.	1836.
75	Fiséram-me lá	Fiséram-me
85	Essa turba,	Essa tuba,
187	Tem dom Egos	Tem dom Egas